CYAN ZINE

#14

Varmadum.6
novembro de 2022

As Sementes do Mundo Inferior
Episódios 21 a 25
Antônio Silvino - Vida, Crimes e Julgamento
Sem Óleo
Werewolf by Night e o Terror da Marvel
Cadê aPizza?

CC

Este trabalho está licenciado sob a Licença Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional Creative Commons.Para visualizar uma cópia desta licença, visite http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/ ou mande uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

Editorial

Com **198 páginas**, a edição 14 é a maior edição do CyanZine até o momento, mesmo considerando a fase inicial, um década atrás. Isso graças ao cordel aqui incluído.

Antônio Silvino – Vida, Crimes e Julgamento é um cordel que já está sob Domínio Público. Escrito por **Francisco das Chagas Batista**, não há muito o que se dizer sobre o que esperar dele: o título já é meio que uma sinopse. Em resumo, é uma longa história do famoso cangaceiro.

Como costumo fazer, editei minimamente a obra. Desta vez, porém, todos os versos editados têm também uma **nota de rodapé** com os versos originais, para quem quiser comparar.

Além do cordel, esta edição do zine traz um artigo extraído do blog do **Velhinho do RPG** apresentando **Werewolf by Night**, uma das novas produções Disney+/Marvel.

Para fechar, você recebe também uma aventura infantil para XR-III: **Cadê a Pizza?**

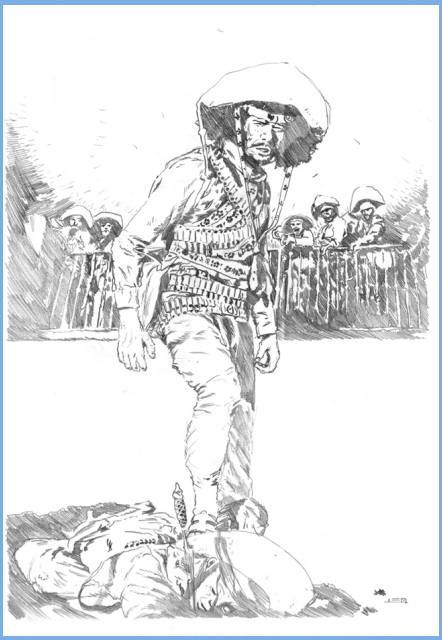
Assim ficou esta edição. Devido ao trabalho que deu prepará-la, ainda não estou certo se haverá um CyanZine em dezembro. De qualquer forma, **As Sementes do Mundo Inferior** (que nesta

edição do zine aparece em seus episódios 21 a 25) continuará sendo publicada no Wattpad. E, se tudo der certo, em dezembro ou em janeiro o CyanZine estará de volta.

Feliz com a esperança de dias melhores para todos nós, na expectativa de que o cenário nacional se normalize, mesmo que leve anos para isso, desejo uma boa leitura!

Cárlisson Galdino

CyanZine #14



Criação e desenvolvimento: Cárlisson Galdino

Edição e Diagramação: Cárlisson Galdino

Ilustração de Capa: O Cangaceiro WIP, de Leonardo Menezes.

Copyright: O conteúdo apresentado, seja criado para o CyanZine ou incorporado a partir de outras fontes, foi disponibilizado sob a licença Creative Commons – Atribuição – Não Comercial – Comartilha Igual ou licença compatível. Visite https://creativecommons.org para saber mais.

Wiki do CyanZine:
http://wiki.cordeis.com/cyanzine/start

CyanZine Varmadum

A temporada Varmadum do CyanZine gira em torno da novela de aventura As Sementes do Mundo Inferior e teve início na edição de número 8. Abaixo segue o principal conteúdo publicado em cada edição.

CyanZine #08 – Abril de 2022

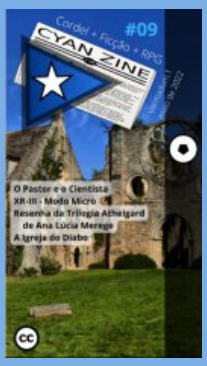
A Canção dos Reinos – apresentando o mundo ficcional onde se passa a novela As Sementes do Mundo Inferior

O Cavalo que Defecava Dinheiro – cordel de Leandro Gomes de Barros

O Renascimento da Lenda – conto de Cárlisson Galdino

Histórico do CyanZine – desde a origem

CyanZine #09 – Maio de 2022



O Pastor e o Cientista – cordel de Cárlisson Galdino

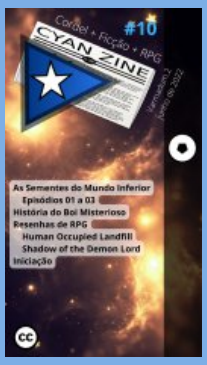
XR-III – Modo Micro – sistema minimalista de RPG

Resenha da trilogia Athelgard de Ana Lúcia Merege – do blog

do tio Nitro

A Igreja do Diabo – conto de Machado de Assis

CyanZine #10 – Junho de 2022



As Sementes do Mundo Inferior – Episódios 1 a 3

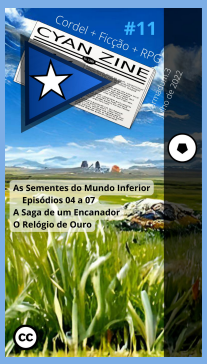
História do Boi Misterioso – cordel de Leandro Gomes de Barros

Human Occupied Landfill – Resenha de RPG

Shadow of the Demon Lord – Resenha de RPG

Iniciação – conto de Cárlisson Galdino

CyanZine #11 – Julho de 2022

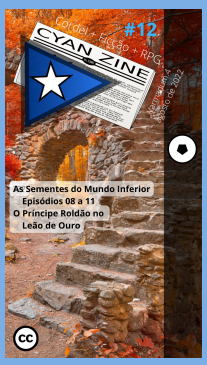


As Sementes do Mundo Inferior – Episódios 4 a 7

A Saga de um Encanador – cordel de Cárlisson Galdino

O Relógio de Ouro – conto de Machado de Assis.

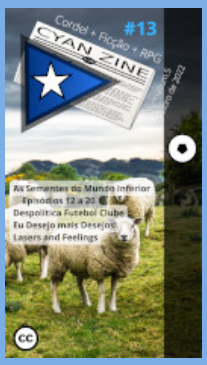
CyanZine #12 – Agosto de 2022



As Sementes do Mundo Inferior – Episódios 8 a 11

O Príncipe Roldão no Leão de Ouro – cordel de João Melquíades Ferreira

CyanZine #13 – Outubro de 2022



As Sementes do Mundo Inferior – Episódios 12 a 20

Despolítica Futebol Clube – cordel de Cárlisson Galdino

Eu Desejo mais Desejos – conto de Cárlisson Galdino

Lasers and Feelings – RPG de John Harper traduzido por Cárlisson Galdino

ÍNDICE

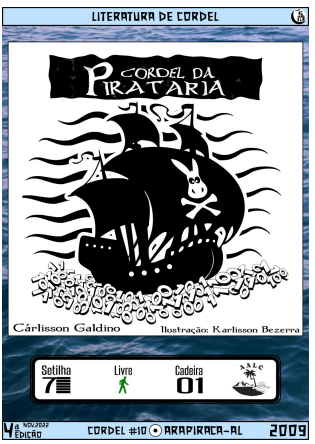
Editorial 3
CyanZine #14 5
CyanZine Varmadum 6
Novidades! 10
Comunicação 11
#21 – Reencontro 13
#22 – Despedida 20
#23 – Garrafas e Canções 27
#24 – Ataque no Mar 34
#25 – Caçar ou não Caçar 41
Antônio Silvino – Vida, Crimes e Julgamento
Francisco das Chagas Batista 50
Sem ÓleoCárlisson Galdino 158
Werewolf By Night E O Terror Da Marvel. 161
Cadê a Pizza?Cárlisson Galdino 178
CyanZine – Como Participar? 196

Novidades!

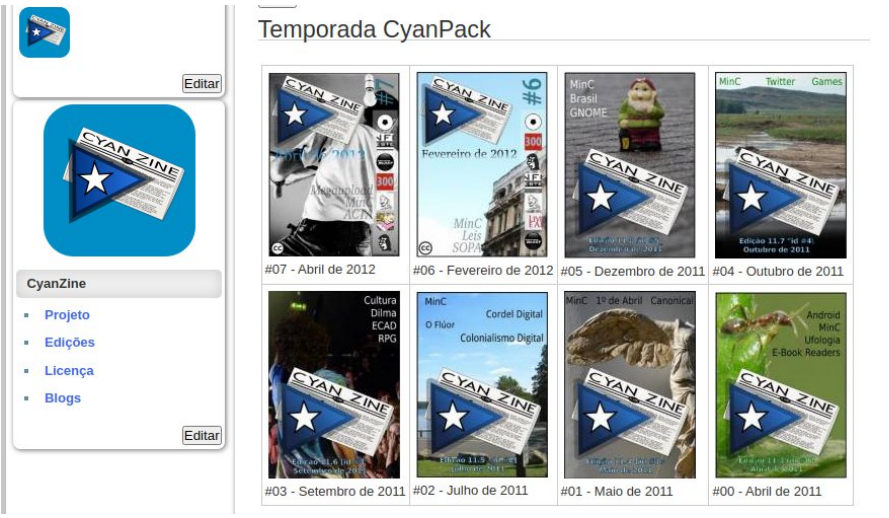
O Senhor dos Miranhas

Em um estado brasileiro chamado Multiverso começam a aparecer pessoas com super-poder conhecidas como miranhas, mas eles nem imaginam que fazem parte de um plano maior. Este cordel do absurdo está à venda como ebook exclusivamente na Amazon.

Cordel da Pirataria



Um cordel que apresenta a história do Direito Autoral e o significa das ações sociais taxadas como pirataria. Esta é a quarta edição do cordel, que pode ser adquirido como ebook na Amazon e no Google Play Livros.



CyanZine está organizado no wiki http://wiki.cordeis.com/cyanzine/start. Lá você tem acesso às edições anteriores. Também está sendo organizada uma relação de blogs que usem a mesma licença da publicação.

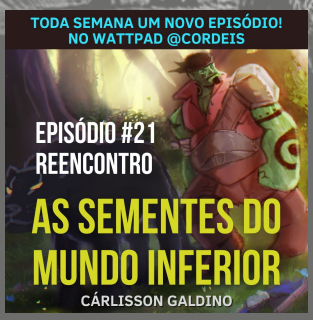
As novas edições estão sendo publicadas em:

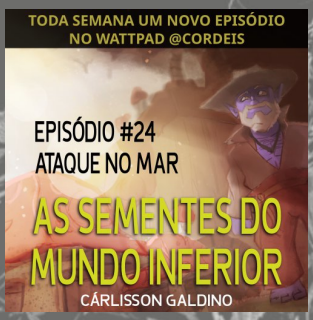
- Biblioteca Cordéis – http://livros.cordeis.com
- Archive – https://archive.org/
- Telegram – https://t.me/ecordel
- Whatsapp - 82 9414-2235

Outras formas de distribuição poderão ser usadas e serão divulgadas no wiki e em edições futuras do CyanZine.

Para divulgações relacionadas a cordel, RPG ou fantasia especulativa, dúvidas, comentários e etc, envie email para cordeis@yandex.com.

O Mundo Inferior





#21 – Reencontro

"Ser aventureiro é uma vida difícil para os elfos. Enquanto outras espécies envelhecem até o ponto em que não suportam mais o fardo de viver, nós elfos permanecemos com um mesmo aspecto indefinidamente. Trata-se de uma escolha ousada trocar a imortalidade pela chance de morrer com uma espada enfiada na barriga ou esmagado por pedras de alguma armadilha. Pensando bem, talvez o risco seja similar para os mortais. Afinal, a morte geralmente é o fim, mas a morte anunciada pode dar a chance de viver além da vida, no lar dos deuses. A morte em aventuras não é anunciada e não atrai as coletoras. Como elas só levam aqueles que julga dignos, no fim os mortais que se aventuram aumentam suas chances, se sobreviverem, de serem visitados por uma coletora. Na morte, alcançam a imortalidade"

A felicidade da Sharon com o que avistou naquele navio ao longe era contagiante. O restante da tripulação ficou feliz também, mas por perceber que o navio à frente não seria, provavelmente, um problema.

— Você não para de olhar pra lá! Eu nem vejo nada direito. Só um barco.

— Eu consigo mirar mais longe, Neriom, graças ao Açor Real.

— Sei, esse arco aí...

— Já vi o Haseid e o Wolfgar. Além do Teraaz, é claro!

— Eu não vejo é nada...

— Eu sei o que você quer, Neriom, mas não vai rolar. O Açor Real é um artefato de sangue. Enquanto estiver ligado a mim, você não usa.

— E não pode desligar um pouco?

— Você não sabe como as coisas funcionam, Neriom. Não é bem assim.

— Tá bom... — Ele abaixa a cabeça um pouco, pensativo, então volta a conversar. — Esse Haseid é o oganter?

— É, é o nosso especialista em matas, rastros e sobrevivência. Eu também entendo um pouco disso, mas não sou patrulheira.

— E esse Wolfgar deve ser o tal anão.

— É, ele tem um martelo chamado Pancada de Roko.

— Eu me lembro disso. Deve ser bem poderoso, afinal leva o nome de um deus!

— É, ele também fica gigante.

— Sério? Do seu tamanho? Porque anões costumam ser bem menores do que você...

— Do meu tamanho?! Isso é porque eu disse que ele fica gigante?

O gnomo sorri de forma travessa e desconversa.

— Tá, deixa pra lá. E o Teraaz é o feiticeiro?

— Não, Neriom, é o cavalo!

— Ah, o cavalo. Certo. Mas acho nome de feiticeiro!

A elfa sorri e volta a olhar para a embarcação através do arco.

— Não estou vendo os outros.

— Podem estar dormindo.

— De certa forma.

— Ô Sharon, não era bom sinalizar pra eles?

— Alguma sugestão?

— Não sei. Podia disparar o canhão.

— Já estamos indo na direção deles como Toró falou. Eu estando aqui quando eles analisarem o navio que se aproxima vai ser o bastante.

O tempo passa e finalmente eles percebem o navio se aproximando. Após algum tempo notam a Sharon e respondem com acenos e

animação. Depois somem de vista, então reaparecem. É uma espera angustiante, mas de uma angústia boa. Não para Nargol, que ainda temia uma traição por parte da elfa.

— Não podemos parar muito tempo, Sharon. A marinha está quase em nós. Você tem dez minutos para decidir o que fazer. — Toró lhe fala — De qualquer forma, ainda precisamos fugir do Porto do Rei Pirata.

— Tudo bem. Dez minutos é o bastante.

— Então se prepare. Vamos desacelerar.

Os dois navios vão aos poucos parando, conforme se aproximavam.

— Ei, Sharon! — Wolfgar é o primeiro a acenar empolgado, conforme a aproximação era feita. Todos na Estrela de Pedra olham com estranheza.

"Uma elfa amiga de um anão?!" era o que passava na cabeça de todos. A orquina se contorcia de raiva vendo isso.

Sharon sorri e acena feliz. All Thorn responde ao aceno, sem esconder sua felicidade. Afinal, ela havia sido levada para longe como uma forma de atingí-lo. O feiticeiro Ic'tlun havia feito isso como uma pequena vitória no meio de sua grande derrota.

Os outros fazem um breve aceno e todos esperam os navios pararem a uma distância apropriada para que possam se reunir.

Sharon salta para o navio deles, deixando, sem perceber, seu novo amigo angustiado, olhando ao redor sem saber o que fazer.

— Aqui estão vocês! Finalmente! — A elfa diz, devolvendo o abraço de Wolfgar.

— Sharon, fico muito feliz e aliviado que esteja bem. — All Thorn lhe fala com a voz emocionada. — Não era pra ter acontecido aquilo. Se eu pudesse ter evitado de alguma forma, não teria deixado ele te levar daquele jeito.

— Eu sei disso. Não se preocupe, acontece. A gente já se salvou um ao outro tantas vezes!

— Minha bela amiga elfa, o que aconteceu exatamente? — Haseid agora perguntava, gesticulando daquele jeito exagerado e teatral. — Onde você esteve durante tanto tempo?

— Trabalhando em uma mina. Já disse que sou quase uma anã? — Sharon pisca pra Wolfgar, que sorri em resposta.

— Bem-vinda, minha amiga! — Ezelius, o feiticeiro, se aproxima também. — Vocês tem muito o que falar, mas será que podemos conversar navegando?

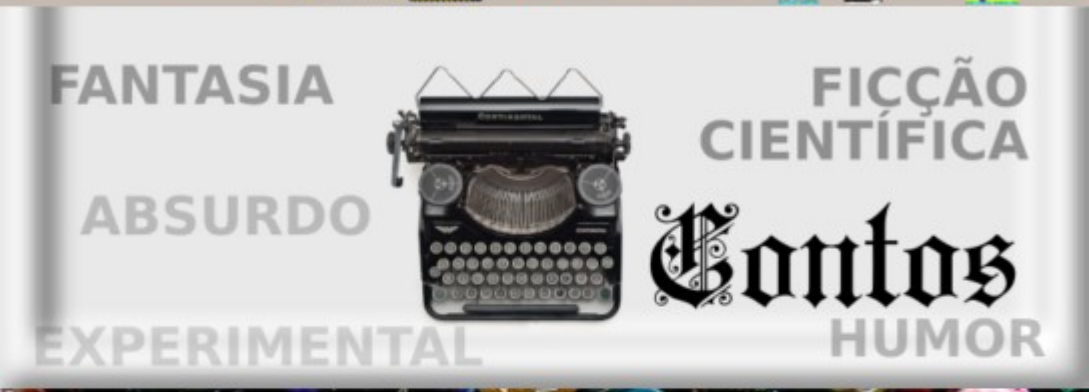
— Bem-vinda de volta. — O monge Ild coloca a mão no ombro da elfa em cumprimento e se afasta.

Sharon responde ao Ezelius com um gesto de confirmação com a cabeça.

— Espera! Vocês precisam conhecer a turma da Estrela de Pedra, que me ajudou, e meu novo amigo Neriom. Depois vamos embora o mais longe possível dessa ilha maldita, continuar nossa missão de plantio.

— Do que você está falando? — Ezelius franze a testa. — Estamos indo exatamente praquela "ilha maldita"!

Cárlisson Galdino



Visite o blog de Cárlisson Galdino

blog.cordeis.com

#22 – Despedida

"Magmor é uma espécie do submundo. Maligna e muitas vezes chamada de demônio. Isso não significa muita coisa, já que cambions também são muitas vezes chamados assim. Dependendo da cultura, até mesmo elfos recebem esse título desagradável. Os magmor, porém, são grandes e malignos. Inteligentes e quase todos são capazes de lançar magias. O rei de Varmadum é Golvoczur, um magmor megalomaníaco que quer imitar Vorgacnarum. É sabido que as espécies pensantes são incompatíveis para procriação. Ainda não se sabe bem como, mas o rei de Varmadum conseguiu um feitiço que quebra esse bloqueio e lhe permite ter filhos com fêmeas de outras espécies. Ele fez isso algumas vezes, contra a vontade dessas fêmeas. Entre seus filhos estão Brann e Ild. Ild viveu isolado, buscando paz interior para lhe proteger do sangue magmor. Hoje ele parece livre de qualquer maldade paterna, graças à fonte do Coração Verde. Até mesmo sua aparência foi redefinida para a de um elfo normal."

— Sharon — All Thorn lhe olhava preocupado —, eu imagino o que você deve estar pensando. Nós temos uma nova missão, paralela à do

plantio, mas essa missão foi parte do caminho para resgatar você.

— Você não tá pensando que a gente ia deixar você pra trás, né? — Wolfgar pergunta, cruzando os braços — A gente não conseguiria entrar nesse mar subterrâneo sem um acordo com ele.

— Um acordo?

— Com o Roxocra…

— Roarxorrarnarkvac! — Ezelius grita lá de trás, com um sorriso no rosto.

— Sim! Esse aí!

— E quem é ele?

— É o guardião! — Wolfgar grita, empolgado — Ele que controla quem entra e quem sai da ilha.

— O guardião… Ouvi falar dele. Seria um tritão particularmente poderoso, que eu não sei porque estaria aqui preso, se é tão poderoso assim.

— Ele é mesmo um prisioneiro, mas quer se libertar. — All Thorn complementa a resposta — A história dele é complexa. Ezelius foi quem conseguiu conversar com ele. Ezelius e Ild.

— Vamos lá... — O monge assume a narrativa ao ouvir seu nome — Ele é na verdade um dragão que foi aprisionado por Grugbar. Um

dragão marinho. Como você sabe, dragões marinhos não respiram debaixo d'água em sua forma normal. São dragões azuis voadores. Na água, eles mudam para a outra forma, a de tritão.Tritões são pessoas que não conseguem respirar fora d'água. Você entende disso, não é?

— Certo, entendi. Então vamos ter que voltar mesmo praquela ilha maldita...

— Meus nobres amigos — Haseid fala alto, debruçado sobre o timão — A conversa deve estar muito boa, mas temos que seguir. A batalha se aproxima, meus caros!

— Então... — Sharon pensa um instante — Vocês me deem dez minutos, pode ser?

— Sharon... — O oganter agita os braços em reclamação silenciosa.

— Vá lá. — O paladino lhe fala, em voz baixa o suficiente para Haseid não ouvir — Use o tempo que for necessário.

Depois de pensar um pouco, com Sharon já se afastando, ele completa.

— Mas não pode ser muito mesmo, a marinha deles já está bem perto!

A elfa salta de volta para a Estrela de Pedra e passa entre Rosa e Neriom, dirigindo-se ao capitão.

— Toró, precisamos conversar.

— Tudo bem. Já se decidiu? Estamos de partida.

— Claro, eu vou com eles. Vocês precisam apenas saber de algumas coisas.

A elfa olha ao redor e vê Nargol com braços cruzados e olhar cheio de desconfiança; Rosa ansiosa e atenta; e Neriom com uma expressão estranha no rosto, quase uma angústia.

— Primeiro, a guarda da rainha não veio à nossa procura. Eles vem em busca do meu grupo, que está vindo em uma missão de enfrentá-la.

— Vocês estão loucos? — Rosa pergunta, espantada.

— O tal guardião de que você falou. — Sharon continua, falando diretamente para Toró. — ... é um prisioneiro e o meu grupo pretende libertá-lo.

— Hmmm... Isso é bem... Inesperado! E você acha que vocês dão conta?

— Não sei, mas eles estão dispostos a tentar. E eu vou com eles.

— Gostei da ideia. — Nargol fala, quase como um grunhido.

— Está doida também! — Rosa olha espantada para a colega. — Quer ir com eles?

— Eu não. Eles indo lá, eles podem vencer e poderemos voltar pro porto de novo quando quisermos. Se perderem, serão menos elfos e anões no mundo. Só vejo vantagem.

— Então tá. Muito obrigada pela ajuda, Toró. Até outro dia. — Sharon se vira para o amigo gnomo antes de partir. — Você entendeu bem a situação, pequeno?

— Acho que sim.

— Então... Indo com Toró, você estará em segurança. Se quiser, pode vir conosco. Tentarei te proteger, mas não posso garantir nada.

— Pensei que você me abandona.

— Não, Neriom, não pretendo abandonar você. Mas vai ser muito perigoso e você pode morrer se vier com a gente.

— Eu vou com você, mas só se uma coisa.

— O quê?

— Você me leva pra fora das cavernas quando você sair das cavernas.

— Tudo bem, não vejo problema quanto a isso.

— Então vamos. Não podemos perder tempo.

Os dois correm pra buscar suas mochilas já na cabine e seguem para o outro navio.

— Sabe, Rosa? — Toró fala com a mão no ombro da tripulante. — Estou bem curioso sobre esses acontecimentos.

— Você não está querendo se envolver nessa guerra, está?

— Não, mas até que tinha vontade.

Cárlisson Galdino

RECEBA CORDÉIS, CYANZINE E NOTÍCIAS!

Você pode receber sem preocupação cordéis, edições do CyanZine e notícias diretamente no seu Telegram ou Whatsapp!

No Telegram,
t.me/ecordel

No Whatsapp,
bit.do/ecordel

Ou você pode acompanhar:
http://blog.cordeis.com/
http://livros.cordeis.com/
http://wiki.cordeis.com/

"Conheço bastante sobre espécies e a Natureza como um todo. Eu pesquiso e já andei por muitas paisagens. Outros que também conhecem muito nesse campo são Ild e Haseid. Haseid é um patrulheiro e está na sua natureza lidar com animais e plantas. Quanto a Ild, ele também tem seu próprio livro em criação. Enquanto registro descobertas, ações e acontecimentos no meu grimório, Ild mantém um interessante bestiário de criaturas exóticas. Ele já recebeu o livro de outro pesquisador. Claro, ele transcreveu para um livro vazio. Vazio e maior, com páginas em branco que ele pudesse preencher com suas próprias descobertas. Wolfgar também tem suas próprias pesquisas, embora não leia ou escreva com tanta frequência. Seu objeto de estudo é a metalurgia, a forja, a cutelaria... Enfim, a criação de armas e armaduras de metal. Esperado de um anão."

Uma canção de pirata ecoa por aquela embarcação. Uma canção divertida que fala sobre o encontro de ilhas-minas ricas em metais diferentes:

Chegando na ilha do ouro
Fui mordido por um besouro
Tive que partir na carreira
Para eu não morrer por besteira
Hei! Ho! Vamos navegar
Buscando os tesouros do mar!

Wolfgar e Haseid cantam empolgados. E tem a ilha de prata, a de pérola, a de barro...

Na ilha de orichalcum
Vamos pro castelo chato
Cortar a cabeça de alguém
Da rainha, veja bem!
Vamos acabar com a Grugbar
Buscando os tesouros do mar!

— Vocês inventaram essa parte, não foi? — Sharon pergunta.

— Foi, eu inventei. — O anão bate no peito, orgulhoso. — Ficou bom?

— Não sei muito disso, mas não gostei. Pareceu desencontrado.

— Deixa de coisa! O que faltou foi só um pouco de cerveja!

— Isso foi.

— E o seu amigo novo? Onde anda?

— Está com All Thorn. Devem estar debatendo religião ou sei lá o quê.

— Ah, o gnomo é clérigo!?

— É sim.

— Bem que estávamos precisando de um clérigo no grupo.

Sharon confirma com a cabeça e sai de perto dos dois. Vai até o monge, que tem ajudado a conduzir aquela embarcação.

— As bagas ainda estão com você?

— Estão sim. Estão na luva. — Ild responde, olhando a amiga.

— Tantos meses e não plantamos nenhuma das quatro.

— Não podemos controlar tudo. As coisas acontecem a seu tempo.

— Você está certo. — A elfa gira a mochila e vasculha alguma coisa nela. Enfim, encontra e entrega ao monge. — Toma, gostaria que guardasse isso também.

Ele recebe a garrafa e observa com cuidado.

— É uma garrafa mágica. Pra que serve?

— Tudo a seu tempo. — Sharon dá uma piscada.

— Sharon... Vai dizer mesmo não?

— Seria mais dramático você descobrir quando ela fosse útil, mas não vou deixar você na curiosidade: ela serve para guardar navios.

— Sério?

— Claro! Vai ser bem útil pra guardar esse aqui.

— Com certeza!

— A propósito... Que navio é esse? Como conseguiram?

— Foi em uma cidade abandonada a leste de Xenon. Nós cumprimos uma missão por lá e, por acaso, encontramos esse navio soterrado, sob muita pedra e areia.

— Hmmm... Ele é mágico.

— É sim. Eu desconfiei disso desde o princípio. Como ele poderia resistir a tanto peso e por tanto tempo, soterrado? Só não sei bem o que ele pode fazer de especial. Talvez você possa me ajudar nesse estudo depois.

— Claro. Ajudo sim.

Com um movimento rápido de mãos, o monge faz a garrafa mágica desaparecer, como se ele fosse um mágico de circo. Não é à toa que "Mãos de Mágico" seja justamente o nome daquele par de luvas, que são o artefato de sangue de Ild.

De volta à companhia dos dois marinheiros, a elfa escuta uma outra canção deles, falando sobre um navio que deslizava em um mar de areia em busca das lágrimas de Vihva, artefatos lendários que dizem terem surgido quando Aero lhe traiu. Ou quando a rasgou em duas, criando Mavihva. Ou quando ele próprio foi morto para pagar pelos seus crimes.

— Wolfgar! Tenho que te mostrar uma coisa.

— O quê? — O anão vai até a elfa, empolgado.

— Já ouviu falar de Blugon?

— Essa palavra não é estranha.

— Prova! — Ela estende o cantil e o anão o pega animado.

Toma um gole grande e olha para a elfa. Sua expressão começa a mudar para irritação. Finalmente ele cospe tudo o que consegue fora do navio.

— Quer me matar, elfa?! Isso aqui é horrível!

— Seu paladar pra bebida forte deve ter estragado sua língua.

— Bebe então!

Sharon toma o cantil de volta e dá um bom gole naquela bebida. Não demora muito, está cuspindo também para fora do navio, sentindo

seu estômago revirar e saltitar em protesto àquele gosto apodrecido.

— Não falei? — O anão a encara, ainda com a testa franzida. Passa algum tempo, ele relaxa e começa a gargalhar. — Se você tivesse a saúde de um elfo, não ia mais se levantar hoje! Negócio ruim da desgraça!

— Não entendo. Não era pra estragar tão rápido. Essa coisa tinha muito álcool!

— Se preocupa não, amiga, a gente desconta na próxima oportunidade. Precisamos de uma taverna mais do que nunca!

— Precisamos. Vamos juntar o grupo. Os navios já estão próximos demais. O embate se dará a qualquer minuto.

— Falou e disse!

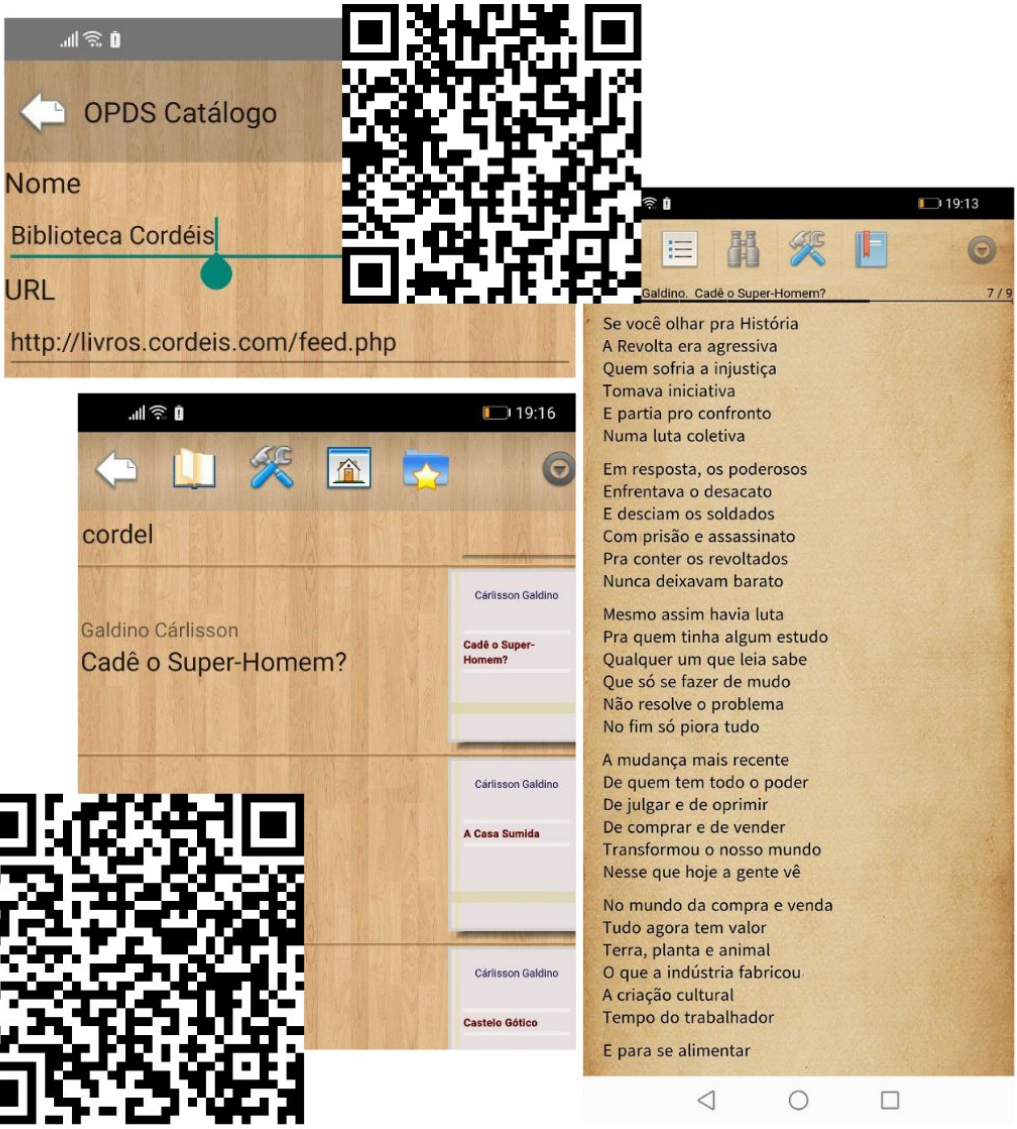
Cárlisson Galdino

UMA BIBLIOTECA DE EBOOKS GRATUITOS?

Biblioteca Cordéis é uma biblioteca de livros digitais disponibilizados gratuitamente! São mais de 100 livros, incluindo novelas de aventura, contos, cordéis e materiais para RPG.

O melhor é que você pode acessá-la tanto através do seu navegador como navegar diretamente por seu conteúdo usando um leitor de livros digitais que suporte OPDS!

No **Cool Reader**, por exemplo, adicione Catálogo com essas informações e poderá navegar nos ebooks em EPUB.



HTTP://LIVROS.CORDEIS.COM

#24 – Ataque no Mar

"Orichalcum é uma grande riqueza da natureza. Trata-se de um metal imprescindível para a criação de certas ligas metálicas poderosas. Ele é rosado e bastante resistente. Suas ligas estão presentes em qualquer equipamento, arma ou proteção que valha a pena ser preservada. O martelo de Wolfgar -- a Pancada de Roko -- é feito principalmente de adamantina, uma liga de orichalcum e ferro. All Thorn tem um colete leve e muito resistente, de um preto brilhoso. É de dratem, uma rara liga de orichalcum e xirang. A Lâmina de Prisma, de Haseid, aquela espada que parece ser de vidro e ainda assim é tão resistente, é feita de uma liga de orichalcum e vidro chamada oriprism. Até mesmo o Açor Real tem orichalcum. No caso, em uma liga com madeira, cedrasil. Dizem que apenas equipamentos perfeitos, impecáveis, conseguem receber magia e se tornar de fato mágicos. Alguns encantadores só trabalham com itens feitos de alguma liga de orichalcum."

Um dos navios da rainha começa a atirar, já próximo. Os guardas preparam mais outro disparo, levantando a pesada bola. Um dos dois é atingido por uma flecha azulada, bem no ombro. Soltando a bola em dor e colocando a mão na flecha, ele pretende retirá-la. Sua mão

chega ao local e a flecha não está mais ali. O outro começa a gritar com ele por ter deixado a bola ir ao chão, mas a flecha azulada acerta sua cabeça e ele cai. A flecha também não está na sua cabeça quando ela bate no chão.

Logo que a flecha reaparece na aljava mágica da Sharon, o navio muda bruscamente de direção, quase derrubando seus tripulantes. All Thorn aproveita para fazer uma oração protetiva para todos os seus aliados.

A manobra que Ild fez no navio os posiciona no meio da frota inimiga, forçando uma mudança de abordagem. Para não ter risco de atingir uns aos outros, eles decidem parar os canhões e se aproximar, usufruindo de sua vantagem numérica.

Dois inimigos no navio, atacando quem podem. A espada curta bate no cajado de Ezelius, o Corisco. A espada do outro invasor encontra a Lâmina de Prisma que, mesmo parecendo ser de vidro, resiste bem ao golpe.

Vendo a confusão aumentar, Neriom corre para dentro da cabine e observa com atenção e zelo o que acontece lá fora.

— É o quê?! — Wolfgar grita contra um outro guarda que chega tentando lhe golpear, enquanto Haseid recebe mais outro adversário.

— Vocês vem em dois contra a minha pessoa? — Com a mão livre, o patrulheiro pega uma pequena estatueta de pedra na forma de uma pantera. — Venha, amiga minha, equilibrar esta batalha!

A estatueta é jogada por Haseid e começa a se contorcer como um felino real, e crescer também, pousando no chão como uma bela e enorme pantera negra com seus olhos amarelos e brilhantes.

Aqueles dois ogânteres fardados recuam um pouco se olhando, assustados com aquele enorme animal. A pantera dá alguns passos de lado e então salta no pescoço de um deles. O braço na frente, por instinto, impede um golpe fatal, mas não impede de cair de costas no chão com o pesado felino em cima.

— Agora está mais equilibrado. — Haseid provoca, girando a espada na mão e olhando para o guarda que ainda está de pé.

Um grito ecoa no navio. Os que não estão acostumados com Wolfgar olham para ele espantados e veem seu corpo crescer junto com todo o equipamento até atingir o dobro do tamanho que antes tinha. Num giro ascendente do martelo, o guarda espantado é atingido no peito e voa para fora do navio, caindo na água sabe-se lá em que condições.

— Quem é o próximo? — O anão gigante pergunta, batendo de leve o martelo na palma da outra mão.

Neriom abre a boca diante de toda aquela cena. Aquele grupo não se parece com nada que ele já tenha visto. Ele começa a pensar em como foi que conseguiram sequestrar sua amiga se o grupo parece tão competente. Talvez esse inimigo feiticeiro seja mesmo perigoso demais.

Do outro lado, Ezelius concentra sua energia mística e busca uma brecha nos ataques do inimigo para poder lançar seu golpe mágico.

Outro navio encosta e mais soldados chegam. Um deles salta perto de Haseid.

— Vocês estão demorando muito. — Ele comenta com o outro soldado, que aponta a pantera e seu parceiro anterior. — Entendi.

— Não tem jeito. — Haseid fala, erguendo os braços. — Vocês só querem vir de dois contra um... — Então faz um assobio estranho.

Neriom olha pra Haseid, curioso, seguindo o assobio. Justo naquele momento, acontece uma explosão silenciosa de luz e ele não vê mais nada. O som de combate continua.

O assobio era o aviso aos aliados de que o patrulheiro iria usar uma das habilidade da sua Lâmina de Prisma. A explosão de luz cega quem

a ver, mas por pouco tempo. Pouco, mas muitas vezes o bastante.

Wolfgar vê o soldado, que havia acabado de pular no navio, perto dele, agora com os braços levantados em defesa. Sem pensar duas vezes, ele agarra o braço do sujeito e o joga para o lado, fazendo-o se chocar contra o guarda que ameaçava Ezelius.

Usando a espada curta, Sharon fere a perna de outro, que se aproximava dela antes da luz de Haseid.

Do outro lado, All Thorn empurra mais um soldado para fora do navio usando o escudo, golpeando outro em seguida com sua espada. Teraaz se vira e aplica um belo coice, concluindo a expulsão daquele outro inimigo.

Entre as cenas que Neriom não pôde ver, está o momento em que, finalmente livre de adversários, Ezelius consegue concluir o que planejava. Um brilho vermelho sai de seus olhos, enquanto ele ergue os braços vocalizando um estranho mantra. Num gesto de mão que lembra entediados num bar tentando acertar cartas de baralho em um lixeiro, aquele elfo dispara uma bola vermelha do tamanho de uma maçã.

A bola vai em seu trajeto, leve, e atinge um dos navios inimigos, que se aproximava para descarregar mais soldados.

Encostando no navio, aquela pequena "maçã mágica" se torna uma enorme bola de fogo e se pode ver a tripulação saltando desesperada pra água. Os outros navios se afastam, indo embora.

— Se o navio fosse de madeira seria melhor. — É o que Ezelius comenta, enquanto o grupo se reúne após a batalha.

Cárlisson Galdino

Um poeta metido a repentista entra numa batalha de RAP.

Adquira já a nova versão deste cordel! Uma edição da Soslaio Editora

#25 – Caçar ou não Caçar

"Muito pouco sabemos sobre as terras submersas. A comunicação entre os povos da terra e da água nunca foi boa. Sereias e Tritões são perfeitamente inteligentes. Têm seus próprios estudos e suas próprias criações. São até mesmo usuários de magia. Não sei como as trilhas de magia se comportam por lá. Alguma não está presente? Existe alguma exclusiva? É o trabalho que alguém um dia terá que fazer. Quanto a sereias e tritões, são interessantes. Sereias se parecem muito com humanos, mas têm rabo de peixe. São capazes de respirar fora d'água, mas a locomoção é difícil. Já os tritões, mesmo tendo pernas, eles não são capazes dessa respiração, ficando presos ao mundo aquático. Como nós, aqui no mundo terrestre. Pelos relatos a que tive acesso, eles tem corpos mais pesados e dificilmente vão para regiões rasas. Também se parecem mais com os povos lagartos do que com os humanos."

— Como foi isso? — Neriom se aproxima do grupo agora que sua visão começa a normalizar. — A espada dele tem uma magia que garante vitória? É assim?

— Ô, seu baixinho! — O próprio Haseid se abaixa perto do gnomo para lhe falar. — É

quase isso. Ela faz uma explosão de luz que deixa os inimigos sem enxergar nada.

— E como ela não afeta vocês?

— É só cobrir os olhos! — O oganter dá um sorriso e um leve peteleco na aba do chapéu de Neriom antes de se levantar.

— Tá, mas foi pouco tempo. Onde estão os guardas? E os navios? A espada também destruiu tudo?

— Calma, Neriom, estão ali. — Sharon responde, apontando em uma direção. — Estão fugindo, derrotados.

— Ah... — Ele observa um pouco, pendurado na lateral do navio, depois olha ao redor. — Mas não tinha mais navios? Vocês conseguiram afundar eles?

— Sim, nós afundamos um deles. — All Thorn responde ao gnomo. — Outro foi afundado não por nós, mas pelo guardião da ilha. Neriom, tudo que está acontecendo deve ser novo para você e espero que você tenha tempo para se acostumar. Certamente vai ter. Agora precisamos continuar nosso debate estratégico. Felizmente ninguém se feriu muito. Você se feriu, Neriom?

— Não, acho que escondi bem.

— Ótimo. Agora, voltando. Temos que seguir imediatamente, mas vamos caçar os navios que estão fugindo ou não?

Ezelius acaricia seu cajado e dá sua posição:

— Por mim, a gente vai atrás. Dá tempo de alcançá-los.

— Como eles sabiam que estávamos aqui? — Ild pergunta.

— Bom ponto. — Sharon complementa. — Pensei que eles estivessem atrás de mim e da Estrela de Pedra. Como sabem que o objetivo deles, desde o início, era atacar nosso grupo?

— Isso o guardião falou. — O monge responde e continua. — Meu ponto é que eles sabiam que estávamos chegando. De alguma forma, sabiam de nós. Então não faz muita diferença os navios escaparem ou não.

— Eu entendo o que quer dizer. — Wolfgar fala, já em seu tamanho habitual de anão, enquanto coça a barba. — O que podia nos motivar a caçar seria para evitar que eles informem sobre nós antes da hora. Como eles já sabem de nós, vale a pena a gente caçá-los? Se todo mundo topar, eu tou dentro, de qualquer forma.

— Isso faz sentido. — All Thorn conclui, após pensar um pouco. — Vamos voltar a navegar agora, mas sem perseguí-los. Caso eles

queiram confusão, estaremos prontos para eles. Sharon? Quer ficar na gávea? — Ele pergunta, apontando para a cesta suspensa no mastro central.

— Com certeza. — Imediatamente ela sobe para o posto de observação, sem nem pensar duas vezes. É a que enxerga mais longe e melhor, logo não haveria lugar para ela mais apropriado que esse, em benefício da equipe.

Lá embaixo, todos retomam seus postos e o navio volta a deslizar pelas águas rumo àquela ilha que, por ironia do destino, tem nome de "rei" mas é governada por uma rainha.

— E eu fico onde? — Neriom pergunta ao paladino, em tom prestativo.

— Você pode ficar onde quiser, desde que não atrapalhe ninguém! Com o que você tem experiência?

— Com plantaç... Com plantio! Também sou sacerdote, mas já sabe.

— Sim, você falou que era clérigo de Kreskajia. — Ele para um pouco e o gnomo, que lhe acompanhava, para também. Então All Thorn suspira, antes de complementar. — Quer saber de uma coisa? Eu sei como você se sente. Eu também não tenho tanto o que possa fazer em um navio. Veja: Haseid e Wolfgar têm bastante experiência no mar. Ild e Ezelius estão

estudando o navio para descobrir o que mais ele é capaz de fazer, que mágica esconde.

— Já sei o que posso fazer.

— E o que é?

— Companhia. Faço companhia a você!

All Thorn sorri com aquele gesto da pequena criatura de chapéu branco. Os dois caminham até o cavalo.

— O nome dele é Teraaz, não é?

— É.

— Por que sai essa luz dos pés dele?

— Esses detalhes fazem parte da natureza dele. Eu simplesmente não sei. Por que não pergunta você mesmo?

— Ele fala!?

— Sim, eu falo.

— Isso é bem legal! Ei, All Thorn, qual é o nome do navio?

— Não sei.

— Podíamos dar um nome a ele!

— E o que sugere?

— Que tal Silvalenus?

— E o que é isso?

— É um nome especial, que significa...

— Meus nobres? — Haseid chega até o trio. — Lembra aquela história de não afundar os navios? — Ele aponta para o mar vazio à frente. — Parece que esquecemos de combinar com o tritão...

Cárlisson Galdino

XR-III - RPG DIFERENTE

XR-III é um sistema de RPG multimodo. São formas diferentes de se viver as mesmas aventuras.

XR Zine é a publicação principal de divulgação do XR-III. Modos (conjuntos de regras), microcenários e aditivos. Tudo prático e em diagramação de livreto A6!

HTTP://WIKI.CORDEIS.COM/XR3/START

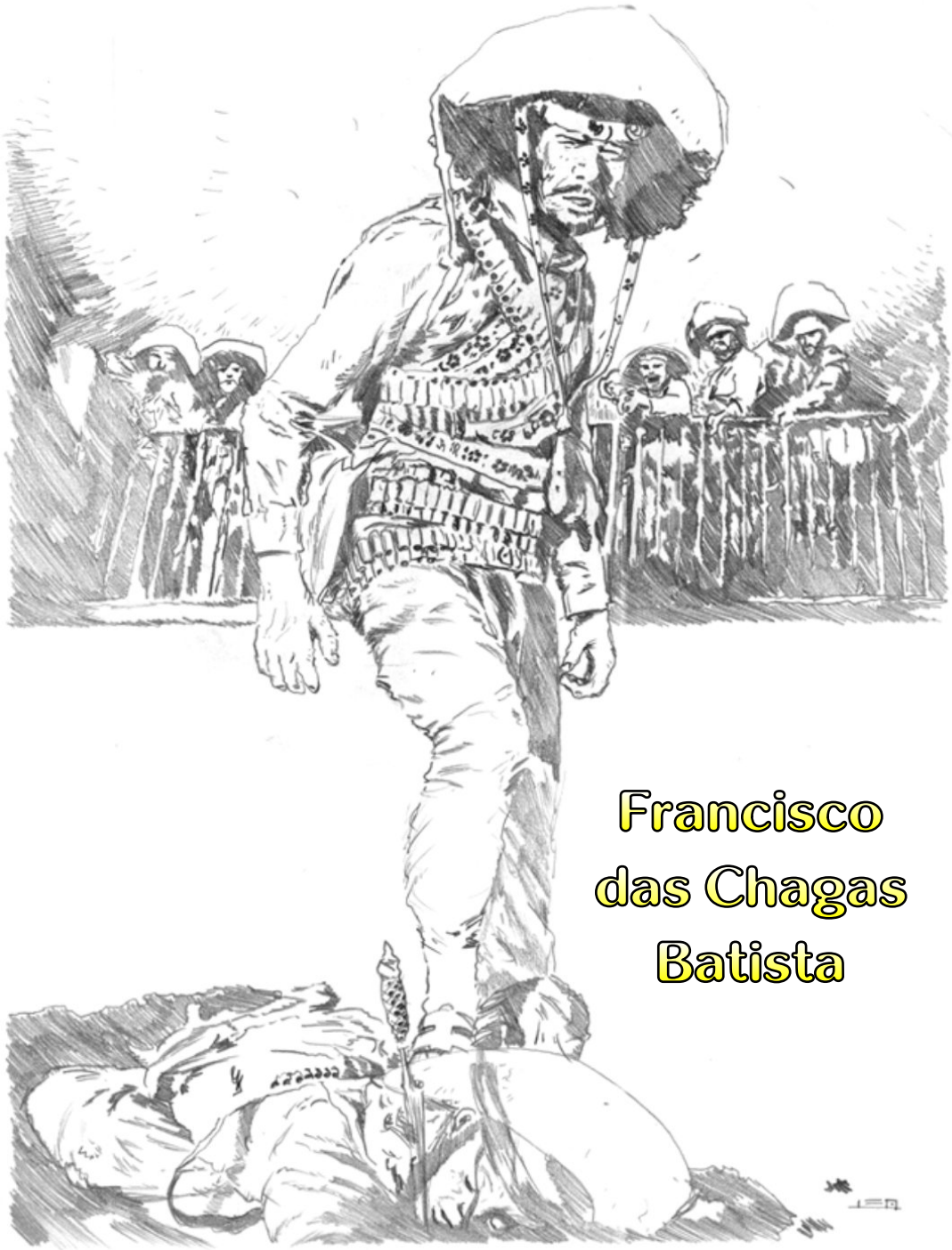
Literatura de Cordel

CYAN ZINE

#14

Antônio Silvino

Vida, Crimes e Julgamento



Francisco das Chagas Batista

Publicado no Cyanzine em novembro de 2022

CYAN ZINE #14

Antônio Silvino – Vida, Crimes e Julgamento

Francisco das Chagas Batista

Leitor, em versos rimados
Vou minha história contar
Os crimes que pratiquei
Venho agora confessar
Jurando que da verdade
Jamais hei de me afastar

Pedro Batista de Almeida
E Balbina de Morais
Casados na Igreja foram
Os meus legítimos pais
Nascidos em Pernambuco
E do Pajeú naturais[1]

Nas margens do Pajeú
No distrito de Ingazeira
Junto à Serra da Colônia
Vi o Sol a vez primeira
Ao nascer trouxe nas veias
Sangue da raça guerreira

[1] Casados catolicamente | Foram meus legítimos pais

Nasci em setenta e cinco
Num ano de inverno forte
No dia dois de novembro
Aniversário da morte
Por isso o cruel destino
Deu-me de bandido a sorte

Meu avô foi muito rico
E meu pai foi abastado
Mas não me mandou educar
Porque onde eu fui criado
O povo não aprecia
O homem civilizado

Ali se aprecia muito
Um cantador, um vaqueiro
Um amansador de potro
Que seja bem caatingueiro
Um homem que mata onça
Ou então um cangaceiro

Meu pai fez diversas mortes
Porém não era bandido
Matava em defesa própria
Quando se via agredido
Pois nunca guardou desfeita
Morreu por ser atrevido

Enquanto eu era pequeno
Aprendi a trabalhar
Chegando aos 14 anos
Dediquei-me a vaquejar
Abracei aos vinte anos
A profissão de matar

No ano noventa e seis
Meu pai foi assassinado
Pela família dos Ramos
Já sendo nosso intrigado
Um deles, o José Ramos
Que era subdelegado

Para punir esse crime
Ninguém se apresentou
A Justiça do lugar
Também não se interessou
Aos bandidos a polícia
Pareceu que auxiliou

E eu, que vi a Justiça
Mostrar-se de fora à parte
Murmurei com meus botões
— Também eu hei de arrumar-te
"Eu não quero lei melhor
Do que seja o bacamarte"[2]

---

[2] Não quero código melhor

Eu chamei pela Justiça
Esta não quis me escutar
Vali-me do bacamarte
Que me veio auxiliar
Nele achei todas as penas
Que um código pode dar![3]

No bacamarte eu achei
Leis que decidem questão
Que fazem melhor processo
Do que qualquer escrivão
As balas eram os soldados
Com que eu fazia prisão

Minha justiça era reta
Para qualquer criatura
Sempre prendi os meus réus
Em casa muito segura
Pois nunca se viu ninguém
Fugir duma sepultura!

[3] Que um código pode encerrar!

No dia cinco de junho
Do ano noventa e três
Fiz eu as primeiras mortes
Matando dois de uma vez!
Manuel Ramos Cabeceira
E um tal João Rosa de Arez

Depois que fiz essas mortes
Fiquei desacomodado
Começaram a perseguir-me
De Ingazeira o delegado
Um tal de Francisco Brás
Matei-o, fiquei vingado

Então a família Ramos
Fugiu para Imaculada
Onde por Delmiro Dantas
Foi protegida e guardada
Nunca mais peguei um deles
Nem mesmo numa emboscada

Desde esse tempo que vivo
Sofrendo perseguição
Mas com minha atividade
Sempre evitei a prisão
Vendo-me assim obrigado
A fazer-me valentão

No ano noventa e sete
Um meu parente e amigo
O velho Silvino Aires
Dissera-me: “Vem comigo
Ao Teixeira, que eu preciso
Vingar-me de um inimigo”

De noventa e sete, em junho
Nós cercamos o Teixeira
O delegado Dantinho
Deu uma boa carreira
Foi isso que o livrou
De uma surra ligeira

Porque meu tio Silvino
Desejava castigar
Esse delegado afoito
Que um dia mandou cercar
Sua fazenda e os móveis
De casa mandou quebrar

Quando nos desenganamos
De não pegar o Dantinho
Voltamos pro Pajeú
Pra lugar que nos convinha
Dali fomos pra Campina
Onde uns parentes eu tinha

Fomos à vila do Ingá
Com o Prisco, nosso amigo
Esse encontrou na estrada
Marcela, um seu inimigo
Que foi logo assassinado
Por não fugir do perigo

Pouco depois desse crime
Meu tio e Cheme voltou
Para o Pajeú de Flores
Onde a polícia o pegou
Nosso grupo reuniu-se
E seu chefe me aclamou

Ao ver-me chefe do grupo
Meu nome próprio mudei
Então por Manuel Batista
Nunca mais eu me assinei
E foi de Antônio Silvino
O nome que eu adotei

A justiça do Ingá
Processou-me, mas voltei
A essa vila e o Paço
Municipal assaltei
E os processos que havia
Ali os incendiei

Abril de noventa e nove
Em Canhotinho abracei
A profissão de marchante
Depois então assentei
Praça no quartel local
E três meses policiei[4]

Com duas horas de luta
Resolvi me retirar
E disse ao José Augusto
— Agora vou me ausentar
"Prometo-lhe em pouco tempo
Com o senhor me avistar"

Dias depois, em Matinhas
Com o mesmo me encontrei
Tinha ele quinze praças
Com as quais então lutei
Ele prendeu-me um cabra
E um soldado baleei

Bem perto de Gravatá
De Bezerros, fui cercado
Por um senhor João Gonçalves
Que era subdelegado
Desse cerco eu me evadi
Com um braço baleado

---

[4] Em abril de noventa e nove

Nessa luta sanguinária
Dois capangas eu perdi
Os outros me abandonaram
Quando sozinho eu me vi
Pra não cair na esparrela
Sem perder tempo, fugi

Em abril de novecentos
Eu em Cabaças estava
E o capitão Zé Augusto
Que em minha pista andava
Cercou-me com trinta praças
Quando eu menos esperava

Dentro de um engenho velho
Fiz uma trincheira forte
De onde atirei cinco horas
Não houve nenhuma morte
Dali fugi com os meus
E procurei outro norte

Estava eu na guarda local
Quando um doutor me chamou
E me disse: “Amigo Antônio
Minha esposa me deixou
E se você for buscá-la
Seis contos de réis lhe dou”

“Está em Santa Filonila
A mulher a quem procuro
Na usina de Santos Dias
Traga-me que eu asseguro
Terá seis contos de réis
Isto eu lhe garanto e juro”

Fui com meu primo Argemiro
E um grupo que lá juntamos
Cercar a usina citada
Porém quando lá chegamos
Nem o major, nem afilha
Em sua casa encontramos

Uma mocinha da casa
Talvez por ser imprudente
Passou em frente a meu rifle
Que a feriu inconsciente
Lamentei a morte dela
Por ter morrido inocente

O capitão Zé Augusto
Em Fagundes me cercou
Com uma tropa que em mim
Duas horas atirou
Prendeu um dos meus capangas
E dois de bala matou

Conheça

Neocan

Um universo ficcional cyberagreste
Direto da Literatura de Cordel
Com cenário XR-III e Novela de Aventura

http://wiki.cordeis.com/xr3/neocan

Nesse combate matei
De Zé Augusto um soldado
Deixei um sem uma orelha
Um com o olho furado
Um de cabeça rachada
E outro com um pé trilhado[5]

Durou mais de meio dia
Esse combate sangrento
Ao faltar-me munição
Deixei o acampamento
E fiquei de fora olhando
Do combate o movimento

Estando eu fora do cerco
Dei ainda um tiro, que sinto
Ter ele alvejado apenas
O alferes Paulino Pinto
Ao Angelim não matei
Porque não vi o distinto

No tiroteio, os soldados
Seis cangaceiros mataram
E pegaram nove à mão
Que também assassinaram
Como se sangra animais
Eles aos homens sangraram

---

[5] Deixei um sem orelha

Os que puderam fugir
Desembestaram a correr
Dizendo: “O diabo é que espera
Para sangrado morrer”
Cada qual mais precavido
Procurava se esconder”

O sargento José Lopes
Vendo o alferes baleado
Ordenou sangrassem os presos
Obedecendo-o um soldado
Não o matei porque o rifle
Estava descarregado

Vi matarem todos nove
De um a um por escala
Mataram todos à faca
Para não estragar bala
Somente Antônio Francisco
Morreu sem perder a fala[6]

[6] Não quiseram estragar bala

Em junho do mesmo ano
Eu estava no Surrão
Com cinquenta companheiros
Tinha muita munição
E gente para brigar
Até com um batalhão

Estávamos todos juntos
Na casa do José Gato
Apenas o Rio Preto
Estava doente no mato
José matou uma rês
Para nos dar melhor trato

Eram oito horas do dia
Estávamos bem acalmados
Quando inesperadamente
Por cento e vinte soldados
Eu junto a meus companheiros
Nos vimos todos cercados[7]

Eram dois os comandantes
Desse reforço inteiro
Alferes Paulino Pinto
(Da Paraíba o primeiro)
E o capitão Angelim
(De Pernambuco) um guerreiro

[7] Eu e meus companheiros

Era uma luta medonha
Todo esse povo atirando
As balas perto de mim
Passavam no ar silvando
O tiroteio imitava
Um tabocal se queimando

A polícia entrincheirou-se
Dum riacho na barreira
Donde nos fazia fogo
Era uma boa trincheira
Se eu não fosse cuidadoso
A tropa não voltava inteira

Em novecentos e dois
Pelo Ingá ia passando
Quando encontrei um enxerido
Que andava denunciando
De mim e meus companheiros
Sem mais nada o fui matando

A quinze de fevereiro
De mil novecentos e três
Em Filgueira, Pernambuco
Vi pela primeira vez
A um meu perseguidor
Matei-o com rapidez

Esse meu perseguidor
Era um subdelegado
Francisco Antônio Cabral
Sendo homem precipitado
Vivia me perseguindo
Mas dele estou descansado

Matei Marcos dos Pinhões
No mesmo ano, não estou
Lembrando agora em que mês
Ele a mim denunciou
Por isso tirei-lhe a vida
Que pouco, aliás, me custou

Em Aroeiras matei
Um pombeiro de primeira
Era um tal de Severino
Que servia de “chaleira”
Fez uma vez a polícia
Dar-me uma boa carreira

Em novecentos e quatro
Eu no Mogeiro me achava
O ex-sargento Manuel Paz
Nessa ocasião passava
Fiz a ele o que ele a mim
Há muito fazer tentava

Esse tal Manuel da Paz
No tempo em que era soldado
Emboscou-me muitas vezes
Fez-me andar todo assustado
Porém eu com um tiro só
Matei-o e fiquei vingado

Fugi do Surrão. No Estado
De Pernambuco encontrei
A um dos meus intrigados
A quem eu não perdoei
Era Sebastião Correia
Este com um tiro o matei

Na Fazenda de Pedreiras
Distrito de Caicó
Estado do Rio Grande
Eu quase que fico só
Lá eu me vi apertado
Qual moleque no cipó

O tenente Tolentino
Nossa fazenda cercou
Com uma força de polícia
Que, peito a peito, atacou
Nós trocamos muitas balas
Mas ele não me acertou

Logo com o primeiro tiro
Dois sargentos derrubei
Com uma bala certeira
Ambos de uma vez matei
Depois de dar outros tiros
Fora do cerco pulei

Dessa vez o Tolentino
Matou-me seis cangaceiros
Dentre eles um menino
Que era dos meus companheiros
O que tinha mais coragem
Seus tiros eram certeiros

Tolentino perseguiu-me
Porém eu pude fugir
Para o Estado do Ceará
Onde pude residir
Alguns meses, sem ninguém
Onde eu estava descobrir

Outubro do mesmo ano
Fui dos meus acompanhado
Para a Vila do Pilar
Lá estava encarcerado
Um amigo e pra soltá-lo
Fui em traje de soldado[8]

[8] Em outubro do mesmo ano

Quando cheguei ao Pilar
Do quartel me apossei
Da munição dos soldados
Também me apoderei
E as chaves da cadeia
Do carcereiro tomei

Soltei em seguida os presos
E amarrei os soldados
Que encontrei no lugar
Deixando-os encarcerados
Como eles não se opuseram
Não fiz mal aos desgraçados

Os soldados na cadeia
Presos com o carcereiro
Dirigi-me ao delegado
Que me deu algum dinheiro
Procurou logo imitá-lo
Um distinto cavalheiro[9]

[9] Com os soldados na cadeia | Deixei também o carcereiro

Quando saí do Pilar
Para o Ceará subi
E no Cariri de novo
Alguns meses residi
Senti que me perseguiam
Sem perder tempo fugi

Com destino a Pernambuco
Do Ceará eu regressei
Na volta, no Município
De Piancó eu passei
No povoado Bonito
Numa casa me hospedei[10]

De ofender os moradores
Eu não levava intenção
Mesmo eu não tinha intrigados
Naquela povoação
Mas nada disto livrou-me
De uma grande traição

Juntou o subdelegado
Alguns homens no lugar
Moradores e com eles
Quis desta arte me cercar
Ele estava preparado
Para a vida me tirar

---

[10] E na povoação de Bonito

E quando eles me cercaram
Eu não ousei resistir
Porque uma bala certeira
Veio a meu rifle partir
E eu, vendo-me desarmado
Tratei logo de fugir

Em novecentos e cinco
Eu meti-me em questão feia
A pedido de um amigo
Dei uma surra de peia
Em um sobrinho legítimo
Do Sr. José Gouveia

Então o José Gouveia
Julgando-se desfeiteado
Dissera que me matava
Para o rapaz ser vingado
Porque nunca um seu parente
Tinha de peia apanhado

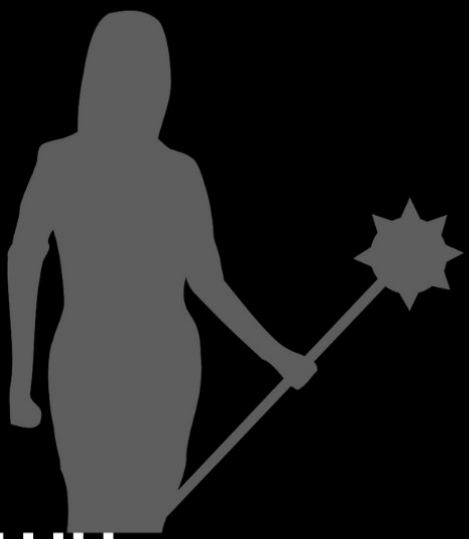
Ele não quis perder tempo
Logo que pensou assim
Foi-se valar da polícia
Para perseguir a mim
Declarando a todo mundo
Que havia de me dar fim

Uma arma e uma missão

...e ela precisa de mais?

Jasmim

Porque nem tudo que é belo é frágil



Cárlisson Galdino
.com.br

Novela de aventura e fantasia urbana

http://blog.cordeis.com/index.php/folhetim-jasmim/

Dirigiu-se à Capital
Da Paraíba, lá então
O presidente do Estado
Nomeou-o capitão
De polícia e deu-lhe ordem
Pra minha perseguição

Foi também até Recife
Igual ordem recebeu
Lá o chefe de polícia
Soldados lhe ofereceu
Passou-lhe uma carta branca
E armamento lhe deu[11]

Disseram que ele vinha
E eu fui então tocaiá-lo
Perto de Caruaru
Eu resolvi esperá-lo
Porém um grande acidente
Privou-me de encontrá-lo

[11] Foi também ao Recife | E a mesma ordem recebeu

Eram dezoito do mês
De dezembro. Eu tinha ido
Esperar o Zé Gouveia
Mas não tava prevenido
Fui feirar em Trapiá
Pois queria estar munido[12]

Eu não fui a Trapiá
Matar ninguém nem ferir
Fui só comprar munição
Pra melhor me prevenir
Julgando que lá ninguém
Me havia de perseguir

Estava eu dentro da feira
Quando um homem perguntou-me
— Você é Antônio Silvino?
E de repente atirou-me
Nesse mesmo instante um negro
Outro tiro disparou-me

Os tiros não me feriram
Nem me fizeram pavor
Eu na fumaça da pólvora
Gritei ao atirador
Que era Antônio Nicácio
Celebérrimo inspetor

---

[12] Mas, não estando prevenido

— Bandido, segura o tiro
“Não faz coisas de menino!
Repara que está pegado
É com Antônio Silvino!
Vamos ver no ferro frio
Se dás parte de mofino”

Proferi essas palavras
Já com o meu punhal na mão
E lancei-me ao inspetor
Veloz como um furação
Dei-lhe a primeira facada
Abaixo do coração

Ele pulou para trás
Com a ligeireza do gato
E gritou: “Estou ferido!”
Quando vi do sangue o jato
Gritei-lhe: “Cuide na vida
Porque eu agora o mato!”

Travamos renhida luta
Então com poucos momentos
Eu fiz-lhe com meu punhal
Outros grandes ferimentos
Ouvi-lhe dizer: “Morri
Sem vencer os meus intentos”

Nisso senti por detrás
Uma terrível pancada
Eu fiquei tonto e tombei
Bem por cima da calçada
Ergui-me no mesmo instante
Tendo a cabeça rachada[13]

Foi o negro que atirou-me
E que me deu à traição
Com o rifle que disparou
Essa pancada e então
Desembestou a correr
Ligeiro que só um cão

Recobrei logo os sentidos
E o traidor procurei
Porém não pude encontrá-lo
Quase possesso fiquei
Nisso meus cabras chegaram
E eu fazer fogo mandei

[13] Por cima da calçada

— Atirem nesses diabos
Eu gritei à cabroeira
Em menos de dez minutos
Estava acabada a feira
O povo tinha corrido
E ganhei a capoeira

E depois que todo o povo
Tinha desaparecido
Uns no mato, outros nas casas
Estava tudo escondido
Encontrou-se um homem morto
E um cavalo ferido

Todas as portas da rua
Num momento se fecharam
Uns noivos que lá estavam
Ninguém sabe onde esbarraram
Num beco um menino morto
Depois os cabras acharam

Depois de tudo acabado
Resolvi me retirar
A rua estava deserta
Não tinha com quem brigar
Pelo capitão Gouveia
Decidi não procurar

Então, com os meus companheiros
À Paraíba voltei
No distrito de Campina
Um inimigo encontrei
A tiros e a punhaladas
A ele eu assassinei

Manuel Rodrigues Torres
Chamava-se esse senhor
Que era meu inimigo
E também perseguidor
Fiz a ele o que farei
A quem me for traidor

Em novecentos e seis
A vinte e seis de janeiro
Estava eu nos Tatus
Com o meu grupo inteiro
Quando ao capitão Gouveia
Dei o combate primeiro

Gouveia ao cercar-me disse
— Silvino, segura o tiro!
Respondi-lhe: “Seu Gouveia
Você hoje perde o giro
Pois se não matar-me eu o mato
E se ferir-me eu o firo!”

Travamos um tiroteio
Que durou quase uma hora
Então Gouveia bradava
— Antônio Silvino, agora
“Ou você se entrega ou morre
Ou esmorece ou vai embora!”

Respondi-lhe: “Não me entrego
Nem morro, nem esmoreço
É certo que vou embora
Para outra vez me ofereço
Lembre-se sempre de mim
Que de você não me esqueço”

Dito isto, os cabras dele
De mim se aproximaram
Eu dei a última descarga
E ouvi dizer: “Me mataram!”
E outro gritar: “Me acudam
Que os cabras me balearam!”

Receei que a munição
Fosse logo acabar
E disse aos meus companheiros
— Devemos nos retirar
“Desinteiramos a tropa
Não temos quem esperar”

No Estado da Paraíba
Com um correio me encontrei
Das malas que ele trazia
Eu logo me apoderei
Então tomei testemunhas
E as malas todas queimei[14]

E dei ao correio as coisas
Que a ele pertenciam
Queimei as malas porque
Julguei que elas traziam
Dinheiro ou instruções
Para os que me perseguiam

E depois que eu tomei
As malas desse correio
O governo entendeu
Que esse era um ato feio
E então em minha pista
Uma grande escolta veio

A companhia inglesa
Em construção de uma linha
Atravessou uma terra
De propriedade minha
Procurei para dizer-lhe
Que isso não me convinha

---

[14] No Estado do Paraíba

Foi a sete de setembro
De novecentos e seis
Ao povoado Mogeiro
Destinei-me dessa vez
a cortar o fio aéreo
E pegar algum inglês

O fio do telegrama
Logo ao chegar eu cortei
E uma pilha de madeira
Na linha férrea eu deitei
Foi graças a essa astúcia
Que um trem de lastro esbarrei

Ao senhor Chico de Sá
Que era um dos passageiros
Dirigi-me, por saber
Ser ele dos empreiteiros
E ele me deu cem mil réis
Pra mim e meus companheiros

Eu disse ao Chico de Sá
— Eu venho aqui lhe avisar
“Que essa terra me pertence
E pra o trem nela passar
É preciso a companhia
Primeiro me indenizar”

“São trinta contos de réis
Que a mim terá que pagar
A companhia inglesa
Do contrário hei de arrancar
Os trilhos, e por aqui
O trem não há de passar!”

Então o Chico de Sá
Prometeu-me que daria
O meu recado aos ingleses
Gerentes da companhia
Para que eles mandassem
A exigida quantia

Ao governo federal
A companhia inglesa
Mandou pedir garantia
Ele, com toda presteza
Mandou vir um contingente
Da companhia em defesa

Do batalhão Vinte e Sete
Noventa e quatro soldados
Vieram em meu alcance
Sendo estes comandados
Por quatro oficiais
Homens já experimentados

Seria só mais uma história de cavaleiro e dragão

Não fosse o cavaleiro um bardo

E o dragão um antigo e mal resolvido

caso de amor

http://blog.cordeis.com/index.php/folhetim-escarlate/

Do segundo batalhão
Quarenta praças valentes
Vieram me perseguir
Guiados por dois tenentes
Na cidade de Campina
Juntaram-se os contingentes

Então o capitão Formel
Dividiu em diligências
As forças que comandava
Tomando mil providências
Garantindo não falharem
As suas experiências

Resolvi deixar o plano
De embaraçar a linha
De ferro porque essa força
Disposta a matar-me vinha
Então vinte de novembro
Entrei em Alagoinha[15]

Na vila de Alagoinha
No momento em que cheguei
A todos negociantes
Sem demora coletei
Procurador do Governo
Desde então me intitulei

---

[15] Então a vinte de novembro

No dia dois de dezembro
Do ano já referido
Entrei na Alagoa-Nova
Sendo ali bem acolhido
Coletei todo o comércio
E em tudo fui atendido

No quartel policial
No momento em que eu entrei
Dentro da Alagoa-Nova
E o telégrafo cerquei
Dos soldados que lá havia
Até a roupa tomei[16]

Peguei todos os impostos
Fiz muito bom apurado
E depois telegrafei
Ao presidente do Estado
Dizendo-lhe que ao comércio
Eu já havia coletado[17]

---

[16] E ao telégrafo cerquei
[17] Recebi todos os impostos

Em seguida retirei-me
Logo que fiz a cobrança
Contra mim ninguém se opôs
(Nunca vi gente tão mansa)
E entrei no dia seguinte
No povoado Esperança

No povoado Esperança
Dois macacos eu prendi
Como eles não se opusessem
Soltei-os, não os ofendi
Então dos negociantes
Os impostos recebi

De Esperança dirigi-me
À vila de Soledade
Aí de José do Couto
Com quem tinha inimizade
Cerquei a casa, mas este
Fugiu, com sagacidade

Na Vila de Soledade
Recebi pouco dinheiro
Fugi dali e no distrito
De Caruaru, em janeiro
De novecentos e sete
Persegui um fazendeiro

Coronel Manuel Emídio
Que era o sub-prefeito
Também dono da fazenda
Que eu cerquei sem proveito
Por não encontrá-lo em casa
Porém fiz tudo a meu jeito[18]

Logo ao chegar na fazenda
Alguns animais matei
E os dois paióis de algodão
Em seguida incendiei
Então pelo coronel
Emídio não esperei

Perto de Taquaritinga
Num pequeno povoado
A que chamam Salgadinho
No mês acima falado
Entrei, e logo o comércio
Fui deixando coletado

E no dia vinte e seis
Do mesmo mês de janeiro
À barra de S. Miguel
Fui com meu grupo inteiro
Ali uma boa surro
Eu dei num alcoviteiro

---

[18] Que era sub-prefeito | E o dono dafazenda

Quatro praças que lá estavam
Em ceroulas os deixei
Então da mesa de rendas
Eu logo me apoderei
O dinheiro que lá havia
Para o meu bolso passei

Incendiei os papéis
Todos da arrecadação
Deixei nus os empregados
Conduzi a munição
Dos soldados e os deixei
Sem farda, "comblaim" e facão

Já no lugar Serra Verde
Município de Umbuzeiro
Eu encontrei dois "macacos"
A oito de fevereiro
Com dois tiros lhe provei
Que sou muito escopeteiro[19]

[19] Em o lugar Serra Verde

A vinte e oito do mês
De fevereiro eu voltei
Para a Vila do Pilar
Ali o quartel cerquei
E então prendi os soldados
E as armas lhes tomei

Fui ver depois a prisão
E soltei cinco coitados
Que nessa imunda cadeia
Estavam encarcerados
E alguns desses já prenderam
Por serem bem descuidados

Depois de soltar os presos
Eu tomei a direção
Da casa de resistência
Do doutor Napoleão
Porém não o achei em casa
Nessa má ocasião[20]

[20] Tomei a direção

Do comendador, a esposa
A senhora Dona Inês
Pude tomar quase à força
Seis magros contos de réis
E se em casa houvesse mais
Eu tomava dessa vez[21]

Então dirigi-me à loja
Do mesmo Napoleão
Lá quatro contos de réis
Na gaveta do balcão
Encontrei e vi que a mim
Tocava aquele quinhão

À municipalidade
Pertencia esse dinheiro
Porém eu que do governo
Sou o principal herdeiro
Apossei-me desse cobre
E em guardá-lo fui ligeiro!

Quando da loja saí
Eu fui à coletoria
Ali deu-me um coletor
O cobre que em cofre havia
Sendo este do governo
A mim também pertencia

---

[21] Da mulher do comendador

Visitei todo o comércio
Fiz muito bom apurado
E vi que de muito povo
Eu me achava acompanhado
Alguns pediam-me esmolas
Então não me fiz rogado

Uns quatrocentos mil réis
Com os pobres distribuí
Não serve isso pra minha alma
Porque esta eu já perdi
Mas serve pros miseráveis
Que estavam nus: os vesti[22]

Um oficial de justiça
Escreveu, por mim ditado
Um pequeno telegrama
Ao presidente do Estado
Já vê que a um homem assim
Não se usa mandar recado

[22] Não serve isto pra minh'alma | Mas serve prá os miseráveis | Que estavam nus e eu os vesti

No telegrama eu lhe disse
Que abandonava a questão
Da companhia inglesa
E depois pedi-lhe, então
Que ele a força federal
Retirasse do sertão

Às onze horas da noite
Retirei-me de Pilar
Sem que se dessem conflitos
Não achei com quem brigar
Conseguindo pôr-me ao fresco
Sem ninguém me incomodar

Em dias do mês de abril
Na vila de Cabaceiras
Ataquei um fazendeiro
Porém com boas maneiras
Seis contos de réis passei
Para as minhas algibeiras

No dia quatro de maio
Pelo lugar Cachoeira
De Caruaru matei
Pedro e Antônio Ferreira
Na povoação Mandaçaia
Fiz ataque de primeira[23]

---

[23] Em o lugar Cachoeira | E na povoação Mandaçaia | Fiz um ataque de primeira

Veio o capitão Narciso,
Homem que honra o seu galão,
Com cem praças escolhidos
Do quatorze batalhão
Aliado ao Vinte e Sete
Perseguir-me no sertão

No dia treze de maio
Em Bocondó eu estava
Quando a força do Exército
Que em minha pista marchava
Deu-me alguns tiros, julgando
Que dessa vez me matava

Saí de Bocondó
Até não muito apressado...
Então um soldado disse
Que eu saíra baleado
Porém ele se enganou
Pois seu tiro foi errado!

Provar que não fui ferido
Dois dias depois eu quis
E no povoado Queimados
Onde sempre fui feliz
Eu prendi o delegado
Um tal de Antônio Muniz[24]

[24] E na povoação em Queimados

Uma aventura no subterrâneo

Uma missão de plantio para proteger a superfície.

Semanalmente no wattpad

Preso estando o delegado
Eu prendi o seu suplente
E também um inspetor
Que ali se achava presente
Nenhum se opôs à prisão
Nem se meteu a valente

Guiado pelos três presos
Que me deram um dinheirinho
Fui à casa do usurário
Senhor Demétrio Coutinho
Quinhentos mil réis deu-me ele
Dizendo: “Fico lisinho!”

No dia trinta de maio
Com um comboio me encontrei
No Estado de Pernambuco
Logo as cargas embarquei
E no lugar de Rio Grande
As mesmas incendiei

Ao major Lucas Donato
Protetor de um intrigado
Que pertencia o comboio
Que foi por mim incendiado
Julguei que para o Bonito
Fosse o comboio levado[25]

---

[25] Meu pertencia o comboio

Aos matutos do comboio
Prejuízos eu não dei
E ao tal Lucas Donato
Dizer por eles mandei
Que o frete lhes pagasse
Das cargas que eu queimei

O alferes Zé Caetano
Com mais de trinta soldados
Me atocaiava bem perto
Mas eu, com os meus apressados
Seguimos outro caminho
E fomos para Afogados

Quando cheguei em Afogados
Procurei logo avisar
A toda minha família
Para dali se mudar
Porque os meus perseguidores
Queriam-na exterminar![26]

[26] Para esta dali se mudar

De setembro em dezenove
E em Maria de Melo
Cerquei a mesa de rendas
E sem que houvesse duelo
Trezentos mil réis do chefe
Tomei sem fazer apelo

Prendi e desarmei quatro
Soldados que nesse dia
Estavam lá. O dinheiro
Que levei, me pertencia
Dei ao chefe a porcentagem
Que o governo lhe devia

Com a companhia inglesa
Fiz uma acomodação
Deu-me ela quinze contos
Abandonei a questão
E o contingente do Exército
Se retirou do sertão

De novecentos e sete
Em maio no Cariri
Estava numa fazenda
Quando cercado me vi!
E nesse cerco eu um cabra
De confiança perdi

Era o Zacarias Neves
Quem a força comandava
E enquanto a tropa a fazenda
Por frente e por trás cercava
Eu com o dono da casa
Descuidado conversava[27]

Quando eles romperam fogo
Saltaram para o terreiro
Então nos primeiros tiros
Eu vi um meu companheiro
Cair crivado de balas
Era o Sebastião Bicheiro

No tiroteio uma bala
Arrancou-me a cartucheira
Conheci logo que a tropa
Ocupava uma trincheira
Então fugi com os meus
E a tropa voltou inteira

Na Fazenda Muribeca
Duas surras mandei dar
Em dois cabras da fazenda
Que se quiseram armar
Contra os meus companheiros
Que os souberam castigar

---

[27] Por diante e por detrás cercava

Em dias do mês de julho
Eu passei em Gameleira
Que fica perto do Ingá
Como ia na quebradeira
O senhor Zuza da Mota
Encheu a minha algibeira

A onze do mesmo mês
Eu em Machado passei
E do Sr. Manuel João
Um conto de réis tomei
E na Vila de Natuba
Dois contos arrecadei

Matei um filho de Marcos
Que morava nos Pinhões
No princípio de setembro
Quis ele formar questões
Comigo, porém passei-lhe
De minha arte umas lições

A vinte e oito de setembro
Em S. José dos Cordeiros
Eu entrei com o meu grupo
Composto de seis guerreiros
E ali de um velho usurário
Nós fomos os dizimeiros

O velho Vicente Magro
Em S. José habitava
Dirigi-me à casa dele
Dizendo que precisava
De umas moedas de ouro
Que ele enterradas guardava[28]

O velho, que era usurário
Disse que não conservava
Esse dinheiro enterrado
Mas eu lhe disse onde estava
E acrescentei que se ele
Não m'o desse, eu o matava

O velho, atemorizado
Arrancou essas moedas
Que estavam enterradas
Debaixo de umas pedras
Mas para m'as entregar
Levou primeiro umas quedas

[28] Dizendo-lhe que precisava

Chegaram então dois rapazes
Que eram do velho parentes
E contra mim os dois tolos
Se meteram a valentes
Vi-me obrigado a matar
Um desses dois inocentes

Um eu matei a punhal
O outro, menos caipora
Comprou veado e fugiu
Danado de porta a fora
Dei-lhe um tiro pra espantá-lo
E deixei-o ir embora

De novecentos e nove
Vim, a dois de fevereiro
Bem perto de Serraria
Em casa de um fazendeiro
De nome Alfredo Chianca
Homem valente e guerreiro[29]

Então Alfredo Chianca
Vinte vezes me atirou
E acabando a munição
Da casa a porta trancou
Arrombei-lhe uma janela
E ele a mim se entregou

---

[29] Estive, a dois de fevereiro

Não ofendi ao Chianca
Porque eu me admirei
Da sua grande coragem
Quando em sua casa entrei
Dei-lhe um abraço apertado
E amigo dele fiquei

No dia vinte passei
Na povoação Cachoeira
Que alguém chama de Cebola
Não era um dia de feira
Mas lá uns negociantes
Encheram minha algibeira

Então, de João Farias
Eu a casa incendiei
Em Clementino de tal
Uma boa surra dei
De Manuel Borba e Juvência
Algum dinheiro tomei

No dia seguinte eu estava
Descansando em Malhadinha
Quando me alcançou uma tropa
Que em minha pista vinha
Então, com os meus companheiros
Fugi, porque me convinha

Eram o José do Couto
E mais o alferes Maurício
Os comandantes da tropa
Que obrigou-me ao sacrifício
De dar comprida carreira
Pra fugir ao precipício

A tropa não nos cercou
Mas muitos tiros nos deu
Mandei dar quatro descargas
E fugi com o povo meu
Da casa onde estava, o dono
No tiroteio morreu

Era o velho João Martins
Eu não vi a sua morte
Porque já havia fugido
E procurado outro norte
Quando os soldados lhe deram
Para o céu um passaporte

Deixei em Pedra Lavrada
Para essa tropa um aviso
Dizendo que a esperava
E que seria preciso
Levar algumas mortalhas
Que eu lhe daria prejuízo!

A treze de abril estive
Na barra de Santa Rosa
Ali quinhentos mil réis
Me deu o Manuel Feitosa
Soma igual o Manuel Bezerra
Me deu com cara chorosa

Então tomei de um soldado
As armas e cartucheira
E depois disse aos matutos
Que se encontravam na feira
Que ali não pagassem mais
O imposto de barreira

No dia treze de julho
Eu em Fagundes cheguei
Lá um negro e uma negra
Com duas surras matei
Eles a mim foram falsos
E eu nunca lhes perdoei

No princípio de janeiro
De novecentos e dez
Tomei do coronel Lula
Dois magros contos de réis
Nada fiz em fevereiro
Em março espalhei os pés

Fazendo contribuições mensais a partir de R$ 5,00 você pode receber gratuitamente novos cordéis de Cárlisson Galdino!

Outras recompensas incluem a participação em um canal fechado do Telegram, onde você poderá ajudar a escolher os próximos cordéis a serem publicados.; o recebimento de cordéis impressos; e até mesmo a diagramação de cordéis de sua autoria, caso você também seja cordelista.

Visite apoia.se/cordeis e entre para o grupo de apoiadores dos Cordéis do Bardo!

HTTPS://APOIA.SE/CORDEIS

A cinco do dito mês
Eu botei uma emboscada
No alferes Joaquim Henriques
Perto de Pedra Lavrada
Ele vinha com a tropa
E meteu-se na cilada

A cinco do mês de março
Em Araçá eu cheguei
E com o chefe da estação
Mui calmamente almocei
Ali do Sr. José Pedro
Quinhentos mil réis tomei

Fui a dez do mês de abril
Visitar meu inimigo
Um tal Manuel Tavares
Queria dar-lhe um castigo
Mas ele fugiu ao ver-me
Não quis se entender comigo

Residia em Pocinhos
Esse que fui visitar
Só encontrei sua esposa
Por quem mandei avisar
Que só lhe dava três dias
Pra ele dali se mudar

— Hoje de muito dinheiro
Então eu disse, “preciso!”
Depois de a Manuel Tavares
Eu ter dado um prejuízo
Ataquei Francisco Afonso
Pretendi deixá-lo liso

O velho Francisco Afonso
Que é caipira verdadeiro
Me disse: “Eu não tenho um réis!”
E eu lhe disse: “O cavalheiro
Pagará com uma surra...”
Nisso, ele deu-me o dinheiro

Então no dia seguinte
Quando eu deixei esses lares
Ao arame telegráfico
Cortei em cinco lugares
Fiz na linha o que não pude
Fazer com Manuel Tavares!

Meia légua mais ou menos
Distante do povoado
De nome Pedro Lavrada
De serras num apertado
Com meu povo entrincheirei-me
Estando bem municiado

Eram dez horas do dia
Quando eu a tropa avistei
No alferes Joaquim Henriques
O primeiro tiro dei
E por não querer matá-lo
Apenas o baleei

Nisto, meu grupo que estava
Comigo, entrincheirado
Também atirou na tropa
Feriu uma bala um soldado
Não o matou, mas deixou-o
Pra toda a vida aleijado

Um cabo também saiu
Com a perna baleada
Deu-nos a tropa alguns tiros
Porém, ao ver-se cercada
Fez como eu já tenho feito
Deu uma carreira danada

Joaquim os seus feridos
Para Campina levou
Mas o alferes Maurício
Que com ele se encontrou
Prosseguiu na minha pista
Com três dias me alcançou[30]

---

[30] Joaquim Henriques os feridos

Com uma légua de distância
Da povoação Periquito
Encontrei-me com Maurício
Em um lugar esquisito
Dessa vez não me pegaram
Porque sou muito perito![31]

A tropa estava escondida
Dentro do mato, almoçando
Quando eu vinha distraído
Com dois homens conversando
Pegaram a meter-me duchas
E quase me iam matando!

Nem ao menos tive tempo
De um tiro só disparar
Pois se eu perdesse um minuto
Não me podia salvar
E por não ir prevenido
Resolvi-me retirar...

[31] Dessa vez não pegaram

Foi a dezoito de abril
Que eu estava no Juá
Fazenda pouco distante
Da vila Taperoá
Quando um correio caipora
Ia passando por lá

Era ele o João Domingos
De três malas portador
Tomei-lhe as malas e abri-as
Achei cartas com valor
Em dinheiro e deste eu fiz-me
No mesmo instante senhor!

Alguém ainda pediu-me
Pra as cartas eu não romper
Porém a esses pedidos
Resolvi não atender
Pra não perder o ensejo
De ao governo ofender

Eu sei que governo paga
Qualquer quantia avultada
Que o agente ou estafeta
Deixa ser extraviada
Por isso a correspondência
Fora por mim violada

Não ofendi ao correio
Por ele não merecer
É um simples empregado
Que cumpre com o seu dever
E mesmo a quem não me ofende
Eu não gosto de ofender

Abri as malas somente
Pra do governo vingar-me
E também pra do dinheiro
Que eu encontrasse apossar-me
Cento e quarenta mil réis
Foi só o que pôde tocar-me

Nas Zonas do Cariri
Demorei-me um mês inteiro
A vinte e sete de maio
Maurício, o audaz guerreiro
Achou-me a pista e buscou-me
Como quem busca dinheiro

O alferes dividiu
A força que comandava
Em dois grupos de oito homens
A uma tropa guiava
O sargento Zé do Couto
A outra ele comandava

Dos soldados do alferes
Um era rastejador
E pôs-se a seguir-me a pista
Qual perito caçador
Só não me alcançaram cedo
Pois sou muito animador

À vila de Soledade
Eu segui em direção
Toda essa tarde seguiu-me
A tropa em perseguição
Perderam à noite a pista
Devido à escuridão

Debaixo de um umbuzeiro
A tropa se aquartelou
E ali toda essa noite
Ela acordada passou
Que eu estava muito perto
O alferes não suspeitou

Quando a luz da madrugada
Principiava a raiar
Aproximei-me da tropa
Pude a observar
Mas eu nessa ocasião
Não quis a ela enfrentar

Então com os meus companheiros
Ligeiros como quem voa
Fomos esperar a tropa
Adiante numa lagoa
De uma cerca de pedra
Fizemos trincheira boa

Eram oito horas do dia
Quando eu na trincheira entrei
A tropa demorou pouco
O primeiro que avistei
Em frente à boca do rifle
Com um tiro o derrubei

Era ele o tal soldado
Que me ia rastejando
Caiu sem dar mais um passo!
E os outros recuando
Nesse momento os meus cabras
Foram os rifles disparando

Ouvi fazer um soldado
A Maurício este convite:
— Alferes, atire logo
“Em Silvino a dinamite!”
Eu aos meus disse: “Fujamos
E ninguém se precipite!”

Devido ao troar dos tiros
Meu pessoal não me ouviu
O fogo estava cerrado
O alferes investiu
Atirei-lhe na cabeça
E ele por terra caiu

O alferes só teve tempo
De três tiros disparar
A bomba de dinamite
Não me conseguiu atirar
Porque eu o matei logo
Antes dele me matar

Um soldado ainda gritava:
— Atirem logo essa bomba!
Corri e gritei aos meus:
— Corram que o diabo é quem zomba
"Da terrível dinamite
Que onde bate tudo tomba"

Seis minutos mais ou menos
Depois que os tiros cessaram
Dois soldados corajosos
Do alferes se aproximaram
Do dinheiro que levava
Então logo se apossaram

Voltei ao campo da luta
Para ver quantos morreram
As praças que lá estavam
Quando me viram correram
Com tanta velocidade
Creio que até se perderam

Atirei-lhe ainda de longe
E creio que a um baleei
Mas deixei-o ir embora
Dos mortos me aproximei
E da bomba envenenada
Logo ali me apoderei

Eu guardei comigo a bomba
Por ter dela precisão
Então os meus companheiros
Nessa mesma ocasião
Carregaram do dois mortos
Fardos, rifles e munição

Ao ver que já tinha morto
Meu maior perseguidor
Senti o meu coração
Possuído de rancor
Por ter dado a morte a um homem
Que me metia pavor

Conheça

Neocan

Um universo ficcional cyberagreste
Direto da Literatura de Cordel
Com cenário XR-III e Novela de Aventura

http://wiki.cordeis.com/xr3/neocan

De esmigalhar o cadáver
Senti um desejo insano
E covarde e friamente
Executei esse plano
Porque o meu coração
Não tem mais nada de humano

Com uma pedrada deixei-lhe
A cabeça esfacelada
Depois mandei cada um
Dos meus dar-lhe uma facada
Fiz tudo isso e não senti
A minha alma perturbada

Sei que minha alma já está
Muito negra e empedernida
Porque cento e uma vez
Tenho me feito homicida
O crime hoje é a coisa
Mais comum da minha vida

Se eu não matasse Maurício
Creio que ele me matava
Pois era o oficial
De quem eu mais receava
A bomba que ele trazia
Era o que mais me assombrava

A bomba, essa eu guardei
Os papéis que encontrei
Como fossem do governo
Incendiá-los mandei
E sem encomendar outros
Da Barra me retirei

Eu o fio do telégrafo
No mesmo dia cortei
Em dez ou doze lugares
Depois avisar mandei
A polícia de Campina
E com os meus me ocultei

Também estive em Serrinha
Onde ordenei a um soldado
Que o imposto de barreira
Por ele ali arrecadado
Fosse só pela metade
Aos sertanejos cobrado

Fui em julho a Maranguape
Aonde fui bem aceito
Ali hospedei-me então
Na fazenda do prefeito
Este deu-me um tratamento
Que me deixou satisfeito

Pediu-me muito o prefeito
Para eu não ir à cidade
Atendi o seu pedido
De muito boa vontade
Pois com pessoas dali
Eu não tinha inimizade

Então aos negociantes
Mandei logo um mensageiro
Com cartas minhas, pedindo
A todos algum dinheiro
Mandaram-me o rico arame
Ninguém se fez de estradeiro

Fui em setembro de mil
E novecentos e dez
À barra de S. Miguel
E lá espalhei os pés
Matei, pedi e tomei
Quase três contos de réis

Lá dois soldados quiseram
Comigo se arreliar
Porém eu matei um deles
E no outro mandei dar
Uma surra e no meu grupo
Fi-lo à força bruta entrar

Então guiado por ele
Eu fui à Mesa de Rendas
O dinheiro que achei lá
Mal deu para as encomendas
Eu embolsei-o dizendo
— Este é pra minhas merendas

Na Mesa de Rendas todos
Bem perto de Soledade
Eu consenti a meus cabras
Fazerem perversidade
Com a família dos Couto
Com quem tenho inimizade

Num irmão do Zé do Couto
Dar uma surra mandei
E o compadre João de banda
Dar na mãe dele deixei
Do velho Couto um paiol
De algodão incendiei

Foi esta a primeira vez
Que consenti espancar
Uma mulher, pois no velho
É que o compadre ia dar
Não o achou, deu na velha
Pra viagem aproveitar

Então ordenei à velha
Com o marido repartisse
As pancadas que levou
E ao Zé do Couto pedisse
Pra ele ir criar seus filhos
E comigo não bulisse[32]

No ano mil e novecentos
E onze, ainda brigado
Não tinha eu uma só vez
Quando em abril fui cercado
Pelo alferes Ramalho
Que me deu algum cuidado

Foi no lugar São Mamede
Que esse encontro se deu
Alguns jornais afirmaram
Que o meu grupo correu
Foi erro, vou aos leitores
Contar o que aconteceu

O alferes José Ramalho
Julgou que eu era pixote
Atirou-me entrincheirado
Porém deu errado o bote
Porque eu não sou arara
Me entrincheirei num serrote

[32] Que com o marido repartisse

Ele atirou-me de longe
E um tiroteio cerramos
Que durou mais de uma hora
Até que ambos esgotamos
Toda a nossa munição
E depois nos acalmamos

Depois que a luta cessou
Esperei o resultado
Que ficou por isso mesmo
A força tinha arribado
Notei então que um dos meus
Tinha sido baleado

No dia nove de agosto
Assisti a um casamento
Perto de Taperoá
Com grande contentamento
Participei do banquete
E de todo o divertimento

A um padre que estava lá
Assisti de confissão
Dispensei-o de rezar
O ato de contrição
Limitou-se a responder-me
O que lhe perguntei então

Depois que o absolvi
Ordenei-lhe que guardasse
Para mim algum arame
Para quando eu precisasse
Disse ele que a meu dispor
Estava, se eu o ocupasse

Saí então da fazenda
De Jocelino Vilar
E logo no dia seguinte
Eu consegui me encontrar
Com primo Antônio Godô,
E juntos fomos andar

No dia doze estivemos
Na Passagem: lá cortei
O arame telegráfico
Pois com este me intriguei
Porque ele é mexeriqueiro
Com prazer o estraguei

Estive também a passeio
Em São João do Sabugi
conceição do Azevedo
Currais Novos e Araci
Fiz por lá boas colheitas
E voltei pro Cariri

Em Conceição do Azevedo
A música me visitou
Dinheiro, buquês e baile
O povo lá me ofertou
E ainda há gente que diga
Que ao Rio Grande não vou?!

A vinte e quatro de agosto
Da Viração muito perto
O alferes João Facundo
Num lugar pouco deserto
Emboscou-me, porém eu
fui mais do que ele esperto!

Eu vi a tropa emboscada
Então desviei-me dela
e num boqueirão da serra
Tocaiei-a com cautela
Voltou a tropa e mais tarde
Caiu na minha esparrela

Quando a força se chegou
Nove tiros lhe enviei
E nesse mesmo momento
Ao alferes então gritei
— Se não correr, comandante
Sua tropa arrasarei!

Quis o alferes resistir-nos
Mas viu logo ali feridos
Caírem quatro soldados
Todos soltando gemidos
Diziam: “Se não corrermos
Matam-nos esses bandidos!”[33]

A tropa ainda me atirou
Mas pôs-se logo a fugir
Eu também não esperei
Que outra pudesse vir
E pus-me ao fresco, os feridos
Resolvi não perseguir

Na noite do mesmo dia
Encontrei um conhecido
Que me procurou abraçar
Mas eu me fiz distraído
E dei-lhe tão grande tapa
Que o deixei no chão caído!

[33] Porém viu logo ali feridos

Poucos dias depois disto
Com a polícia me encontrei
Trocamos ainda alguns tiros
Mas eu a ninguém matei
E tendo enganado a tropa
Pra longe me retirei

Em novembro, em Macapá
Fui visitar Manuel Belo
Mas como não o encontrei
Para entrarmos em duelo
Deixei-lhe a casa queimada
E o mobiliário em farelo

Ao chegar em Macapá
Só o genro dele achei
Deu-me este a chave do cofre
E o que dentro encontrei
Foi uns dez contos de réis
Desses então me apossei

O Manuel Belo movia
Contra mim perseguição
Por isso queimei-lhe a loja
E um vapor de algodão
E dei-lhe mais um recado:
Não esperasse perdão[34]

---

[34] Dei-lhe mais um recado | Que não esperasse perdão

Dias depois eu estive
Na povoação de Serrinha
Passei na vila Pilar
Onde a terra é quase minha
E depois fui ocultar-me
Em lugar que me convinha

De novecentos e doze
Em maio, no alto sertão
No lugar Riacho Seco
Eu tive o ensejo então
De encontrar meu inimigo
O negro Antonio Carão

Esse negro a um meu parente
Havia assassinado
Simplesmente pra roubar
E por ser meu intrigado
Matei-o à bala e por mim
O seu corpo foi queimado[35]

[35] Foi seu corpo queimado

Seria só mais uma história de cavaleiro e dragão

Não fosse o cavaleiro um bardo

E o dragão um antigo e mal resolvido

caso de amor

http://blog.cordeis.com/index.php/folhetim-escarlate/

Dei-lhe dois tiros, deixando-o
Muito ferido no chão
Fiz por cima do seu corpo
Uma coivara e então
Ateei fogo e deixei-o
Virado em cinza e carvão

No dia sete de junho
Em Santa Luzia entrei
E então dos negociantes
Uns trinta contos levei
E no capitão Aristides
Uma grande surra dei

Há uns dez anos jurei
De Aristides me vingar
Porque dois cabras meus foram
À polícia se entregar
E ele os mandou na cadeia
De fome e sede matar

Prometi dar-lhe uma surra
E a promessa cumpri,
E então a sua família
Dessa vez eu persegui
De alguns levei dinheiro
De outros os bens destruí

Fui à vila de Afogados
De Ingazeira, onde nasci
E uns nove contos de réis
Naquela vila colhi
Mas o Desidério Ramos
Por caiporismo não vi

Parei perto do Monteiro
Estive na povoação
De Jatobá e em Queimadas
Fiz boa arrecadação
De Santa Cruz uns dois contos
De réis consegui então

A quinze do mês de julho
Eu fui à Santa Maria
E os moradores de lá
Julgando que eu corria
Deram-me uns tiros, mas eu
Reagi como devia

Com poucas horas de fogo
Os cabras esmoreceram
Acabaram o tiroteio
E para o mato correram
Eu tomei conta da rua
E todos ali sofreram!

Incendiei quatro casas
E dei de peia a valer!
Deixei diversos feridos
Só não fiz nenhum morrer
Porque eles correram logo
E quem corre quer viver

Fui ao Engenho Filgueiras
Do major João Florentino
Ele outrora perseguiu-me
E eu fui dar-lhe um ensino
Pra ele saber que só Deus
Matará Antônio Silvino

Cerquei-lhe a casa, mas ele
Quis se meter a guerreiro
Brigamos mais de uma hora
Matou-me ele um cangaceiro
Matei-lhe outro e ele ferido
Foi para o Limoeiro

Logo que o major fugiu
Do engenho me apossei
Recolhi todo o dinheiro
Depois as casas queimei
Cinquenta contos de réis
De prejuízo lhe dei

Paguei a um camarada
Para o meu cabra enterrar
E voltei à Paraíba
Perto da Vila Pilar
Demorei-me decidido
A alguns dias descansar

As malas de um correio
Perto de Patos tomei
E toda a correspondência
Que ele trazia, queimei,
Foi essa a terceira vez
Que esse crime pratiquei

Das Espinharas da Serra
Das Preacas eu estava
Em uma furna, era noite
Ali dormindo eu sonhava
Que o espírito de Maurício
De surpresa me atacava

Dizia-me: "Ô Silvino
Prepara-te pra lutar
O que fizeste comigo
Agora me vais pagar
Visto os vivos não quererem
A minha sorte vingar"[36]

---

[36] Dizia-me: "Sinvino

Ergui-me sobressaltado
E um tiro disparei
Contra o fantasma e então
Muito ligeiro acordei
Ouvindo um grande rugido
Quase assombrado fiquei

Esse rugido abalou
Até o mais fundo reconco
Da furna, a serra tremeu
Desde a cimo até o tronco
Percebi rapidamente
Que de uma onça era o ronco!

Então atirei na fera
Que sobre mim se lançou
E deu um tapa no rifle
Que distante o atirou
E ouvindo o estampido
Mais assanhada ficou!

Dei um pulo para trás
E da pistola puxei
Porém no mesmo momento
Que um tiro lhe disparei
Deu ela na arma outro tapa
E desarmado fiquei

Felizmente nessa gruta
Entrava a luz do luar
E o solo era espaçoso
Continuei a pular
Me desviando da fera
Que me tentava agarrar!

Num desses saltos eu pude
Puxar da cinta o punhal
E apertei-o na mão
Com uma ira infernal
Dizendo: “Se eu não morrer
Mato esse audaz animal!”

A onça era tão ligeira
Como de um raio o clarão
Eu não voava porém
Mal sentava os pés no chão
Compreendi que em matá-la
Estava a minha salvação

E quando a fera avançou
De arma em punho esperei
E então ao pé da goela
Tal punhalada lhe dei
Que o punhal, enterrado
Dentro dela abandonei

Ela em minha mão esquerda
Deu uma grande dentada
E onde passou as unhas
Deixou-me a pele esfolada
Só me feriu no momento
Em que dei-lhe a punhalada[37]

A onça, ao ver-se ferida
Um enorme salto deu
Rugindo com tanta força
Que a serra estremeceu
Então por sobre o lajeado
O corpo em cheio estendeu

Enraivecida, rugindo
Tentava se levantar
Procurando em vão com os dentes
A arma do peito arrancar
E eu, desarmado, temia
Que ela voltasse a lutar

[37] Em que lhe dei a punhalada

Quando a fera se aquietou
Da gruta me retirei
E todo o rosto da noite
Noutra furna repousei
Somente pela manhã
Meus companheiros busquei

E reunido ao meu grupo
Nessa furna penetramos
A onça morta a um canto
Logo ao entrar encontramos
Minha pistola e meu rifle
Ambos quebrados achamos

Vi que no peito da fera
O punhal estava enterrado
E reparei que o meu rifle
Tinha o coice esfacelado
A pistola achei-a longe
Com o gatilho quebrado

Então do peito da onça
O meu punhal arranquei
E o sangue que o ensopava
Logo em um lenço limpei
Depois, com muito cuidado
Eu a onça examinei

Era uma onça pintada
De formas descomunais
Os dente pontiagudos
Unhas longas, desiguais
Tinha os músculos dianteiros
Mais grossos que os demais

Retiramo-nos da gruta
E minhas feridas curei
Consertar as minhas armas
Por um ferreiro mandei
E junto aos meus companheiros
Outras zonas procurei

No rio Grande do Norte
Com a polícia me encontrei
E com o comandante desta
Então conferenciei
E para pagar cerveja
A ele logo intimei

O major Seabra jurou
Comigo não intervir
Eu também lhe garantia
Com os deles não bulir
Pois eu só mato soldado
Que me anda a perseguir

De novecentos de treze
Eu em janeiro cheguei
A Cachoeira dos guedes
E do Rufino levei
Dois contos, e um telegrama
Para a Capital passei

Às altas autoridades
Nesse telegrama eu disse
Que só pretendo morrer
Em adiantada velhice
E que elas, me perseguindo
Cometem grande tolice!

A força que acompanhava
O alferes Irineu
Encontrou-me em Soledade
E alguns tiros me deu
Mas fugi estando na casa
De um velho amigo meu[38]

Em Lagoa do Remigio
Fui à agência do correio
Botei pra fora o agente
Somente porque era feio
Tomei-lhe o cobre dos selos
E contra mim ninguém veio

---

[38] Mas fugi por estar na casa

Uma vez dono da agência
Dei logo um expediente
E avisei ao diretor
Que ali eu era o agente
E que todo o apurado
Tocaria a mim somente

Então de um negociante
Comprei muita munição
Arranjei muito dinheiro
Depois da arrecadação
Ao povo da Serraria
Fui passar uma lição

Perto da Vila hospedei-me
Veio ali me visitar
O major Antônio Bento
Que logo mandou chamar
O delegado e este foi
Meu imposto arrecadar

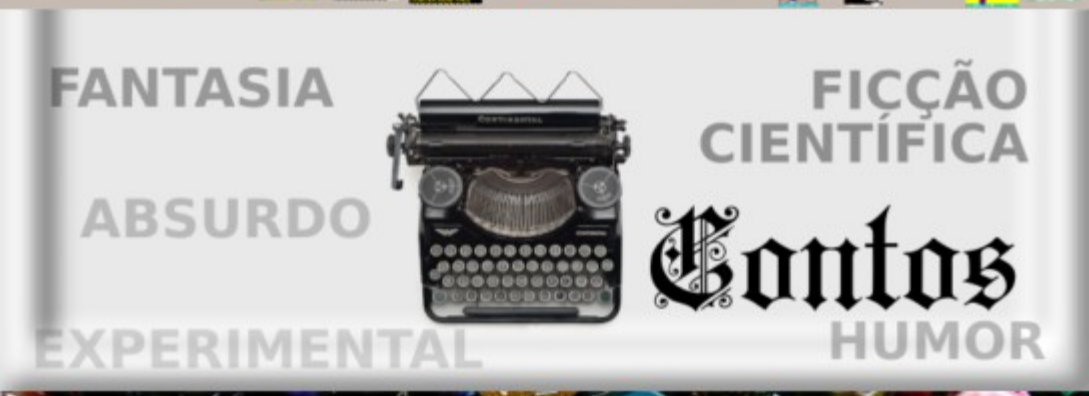
Eu estava no Ingá
Na casa dum camarada
Quando inopinadamente
A fazenda foi cercada
Por soldados da Polícia
Que não arranjaram nada

Porque com muita cautela
Resolvi me retirar
Da fazenda, pois não quis
Contra a polícia atirar
Nesse dia eu não tinha
Disposição de matar

Há muito que procurava
Encontrar um valentão
Que para lutar comigo
Tivesse disposição
E de achar esse duro
Tive um dia ocasião

Perto de Brejo de Areia
A quatro de fevereiro
De novecentos e nove
Encontrei esse guerreiro
Que não me matou porque
Me vali de Deus primeiro

Era um sujeito mestiço
De cabelos afogueados
Os dentes muito amarelos
Beiços grossos e rachados
Pés chatos e mãos compridas
Olhos grandes e encarnados



Visite o blog de Cárlisson Galdino

blog.cordeis.com

Conheci que esse cabra
Era mau de profissão
Então para dar-lhe uma sova
Me pediu o coração
E eu quis me certificar
Se o cabra era valentão

Gritei-lhe: “Cabra, quem és?
De onde vens e pra onde vais?”
Disse-me o cabra: “Meu nome
É Diabo ou Satanás
Venho do inferno e contigo
Vou lutar ou fazer paz!”[39]

— Vens comigo fazer paz?
“E eu pedi-te essa aliança?”
— Não pediu, mas pode ter
“Em mim toda a confiança”
Respondi-lhe: “De salvar-me
Ainda eu tenho esperança”

Disse-me o diabo: “E esperas
Ainda por salvação?
Te esqueces que fazer crimes
É só a tua profissão?”
Respondi: “E não se salvou
Da Bíblia o Bom Ladrão?”

---

[39] De onde vens e para onde vais?

— Se esse Dimas se salvou
“É porque amava a Deus
Mas tu és um inimigo
Dos dez mandamentos seus!”
E eu perguntei: “E você
Conhece os intuitos meus?”

Disse-me o diabo: “Eu bem sei
Que é funesto o teu destino
És traidor, és perverso
És ladrão e assassino!
O teu fim será o inferno
Irás comigo, Silvino!”

Quando eu ouvi o diabo
Estas frases proferir
Respondi-lhe: “Pra que inferno
Contigo eu não hei de ir!”
Disse-me ele: “Isso agora
Havemos de decidir”

— Para decidirmos isso
“Lutarmos muito é preciso.”
E dito isto disparei-lhe
Um tiro de improviso
O diabo aparou a bala
E disse com ar de riso:

— Ah, não me atires porque
“Com balas tu não me ofendes!”
E acrescentou: “A certeza
Eu tenho de que te rendes
Se prolongares a luta
Eu juro que te arrependes”

— Render-me? Nunca! — E o rifle
Vinte vezes disparei
E presumo que os tiros
Todos no diabo acertei
Mas este, aparando as balas
Deu-mas quando eu terminei

Então conheci que a bala
Para o diabo não se fez
E manejando o punhal
Vibrei-lhe com rapidez
No peito uma punhalada
Mas errei inda uma vez!

Dei-lhe ainda muitos golpes
Julgando que o matava
Mas todos foram perdidos
Porque a arma não o furava
O punhal batia nele
E envergado ficava!

Lutamos uns dez minutos
Então eu compreendi
Que não vencia o diabo
Porém não esmoreci
E quando me vi perdido
Logo de Deus me vali

Dizia o diabo sorrindo:
— Levo-te sempre comigo
“É melhor ficares manso
Que te terei como amigo!”
Então eu disse: “Meu Deus
Livrai-me deste inimigo!”

Vi que lutando, morria
Eu a rezar me dispus
Então me ajoelhei
E rezei o credo em cruz
E disse: “Eu te esconjuro
Diabo! Em nome de Jesus!”

Quando eu me persignei
Pra longe o diabo correu
E disse: “Falar em Deus
Foi isso o que te valeu
Mas de outra vez voltarei
Serás companheiro meu!”

Depois fiz paz com o diabo
E hoje em dia ele me segue
E já não temo que o mesmo
Para o inferno me carregue
Eu só não quero é que um dia
Ele à polícia me entregue

Deus, que tinha eu no mundo
Para um instrumento seu
Já havia decretado
Tudo quanto aconteceu
Comigo, após esse dia
Tirou o prestígio meu![40]

A dezoito de novembro
Eu em Pocinhos cheguei
Que o padre Antônio Galdino
Me desse um jantar, mandei
E que me servisse à mesa
Ao mesmo padre obriguei

[40] Comigo, depois desse dia

Quando eu me retirei, o padre
Lançou-me a excomunhão
Missa de corpo presente
Como em minha intenção
Na noite do mesmo dia
Me apareceu uma visão

Eu estava em uma casa
Jogando bem descuidado
Quando apareceu-me um homem
Com um objeto embrulhado
E me disse: “Eis um presente
Que para si foi mandado”

Ergui a vista, porém
Já o homem não avistei
Abri o pacote e dentro
Um par de algemas achei
Fiquei tão impressionado
Que ali quase me assombrei

Compreendi que o padre
Botara-me urucubaca
A estrela que me guiava
Via-a no céu mais opaca
De minha vida a corrente
Conheci que estava fraca

Na manhã do outro dia
Eu na estrada encontrei
Com um boi de Cristiano
Bem na testa lhe atirei
Visto não pegar o “gringo”
No boi dele me vinguei

Depois de andar oito léguas
De onde o boi tinha ficado
Debaixo de um umbuzeiro
Sentei-me um pouco enfadado
Quando vi chegar o boi
No qual eu tinha atirado

Esbarrou perto de mim
Ameaçando-me dar
Chegou esvaído em sangue
E danado para urrar
Como quem vinha somente
Para de mim se vingar

Quando eu vi aquela cena
Perdi logo a esperança
Conheci que minha vida
Estava numa balança
O urro do boi dizia:
— Meu sangue pede vingança!

Conheci que aquele boi
Da morte era mensageiro
Quis atirar-lhe e meu rifle
Mentiu fogo, então ligeiro
Me retirei e não quis
Que o matasse um companheiro

Depois, com meus companheiros
Fomos pra Taquaritinga
Eu convenci-me de que
Me acompanhava a mandinga
Meu coração me dizia:
— Silvino, volta e te vinga!

Porém eu não quis voltar
Na mesma noite cheguei
No lugar Lagoa da Laje
E no mato me ocultei
Debaixo de um juazeiro
Quatro horas descansei

Porém, no dia vinte e oito
Melancólico me senti
Passei o dia jogando
Às cinco horas me vi
Pela polícia atacado
E ao fogo então resisti

Como eu estava em campo raso
Num serro me entrincheirei
Guiando os meus companheiros
De umas pedras me amparei
Feriram o Joaquim de Mouro
Brigando me conservei

Foi por detrás de uma cerca
Que a polícia se ocultou
De onde nos fazia fogo
O meu rifle disparou
Trinta vezes contra ela
Mas nem um tiro acertou

No pai de um meu companheiro
Uma surra eu tinha dado
Já fazia quatro anos
E o cabra havia jurado
De me matar à traição
Em um momento aprazado

Esse cabra traiçoeiro
Perto de mim atirava
Por detrás de uma pedreira
Vendo que eu não o olhava
Atirou-me por detrás
Quando eu menos esperava!

E uma bala de Mauser
Pelas costas me varou
E saindo pelo peito
Um rombo enorme deixou
Caí no chão quase morto
E o cabra ali me roubou

Levou-me todo o dinheiro
E um anel de brilhante
Levou-me um grande punhal
E um rifle muito importante
Não pude me defender
Porque estava agonizante

Quando despertei da síncope
Foi que me senti ferido
Ali procurei meu grupo
Que de mim tinha fugido
tudo quanto eu possuía
Tinha desaparecido

Com dificuldade ergui-me
Depois de ter-me sentado
Olhei em redor e vi
Um homem no chão deitado
Era o amigo Joaquim Moura
Que se achava baleado

Chamei-o, ele se sentou
E me disse: “Estou perdido
Mas não me entrego à polícia
Portanto eu me suicido
Deu um tiro na cabeça
Morreu sem dar um gemido

Quis eu também suicidar-me
Mas as armas não achei
O veneno que eu trazia
Nos bolsos não encontrei
Levantei-me e a uma casa
Quase de rasto cheguei

Ao dono dessa vivenda
Pedi que fosse chamar
O comandante da força
Para a ele me entregar
Pois eu estava quase morto
E queria me confessar

Tinha o dia amanhecido
Quando a polícia chegou
Então o alferes Teófanes
De mim se aproximou
Mas devido ao meu estado
Ele não me interrogou

Fui para Taquaritinga
Pela força conduzido
Levaram-me numa rede
Porque eu estava tão ferido
Que não andava e cheguei
Quase que desfalecido

Dois dias e uma noite
Eu passei encarcerado
Na cadeia da cidade
Sendo muito visitado
A vinte e nove já eu
Me sentia melhorado

No dia trinta bem cedo
Em um burro me montaram
E para Caruaru
Os soldados me levaram
Mais de duzentas pessoas
Na estrada nos encontraram

Chegando em Caruaru
Cinco horas descansamos
Às duas da madrugada
Para o Recife embarcamos
Às sete horas do dia
Nessa Capital chegamos

Por médicos e enfermeiros
Vim no trem acompanhado
O Cr. Chefe de Polícia
também se achava a meu lado
Tratamento de primeira
Foi sempre a mim dispensado

Mais de duas mil pessoas
Me esperavam na estação
E me olhavam confusas
Com muita admiração
Grande massa acompanhou-me
À Casa de Detenção

Abala que me feriu
Pelas costas penetrou
Saiu no peito direito
E o pulmão me afetou
Mas só prostrou-me proque
A cardite me atacou

Os médicos já conseguiram
Meus ferimentos curar
O resto da minha vida
Vou na prisão descansar
Porque dos crimes que tenho
Não espero me livrar

Já me confessei a um frade
Mas não estou regenerado
Acho-me muito abatido
E estou desequilibrado
Agora com o suicídio
Eu vivo impressionado

Somente à fatalidade
Eu devo a minha prisão
Pois todos sabem que eu era
Um indomável leão
E nem eu sei porque foi
Que me entreguei à prisão

Não me prenderam, entreguei-me
Porque fui impulsionado
Pelo destino talvez
Vi-me ferido e roubado
Vim morar nesta prisão
Cumprir a lei do meu fado

FIM

Um poeta metido a repentista entra numa batalha de RAP.

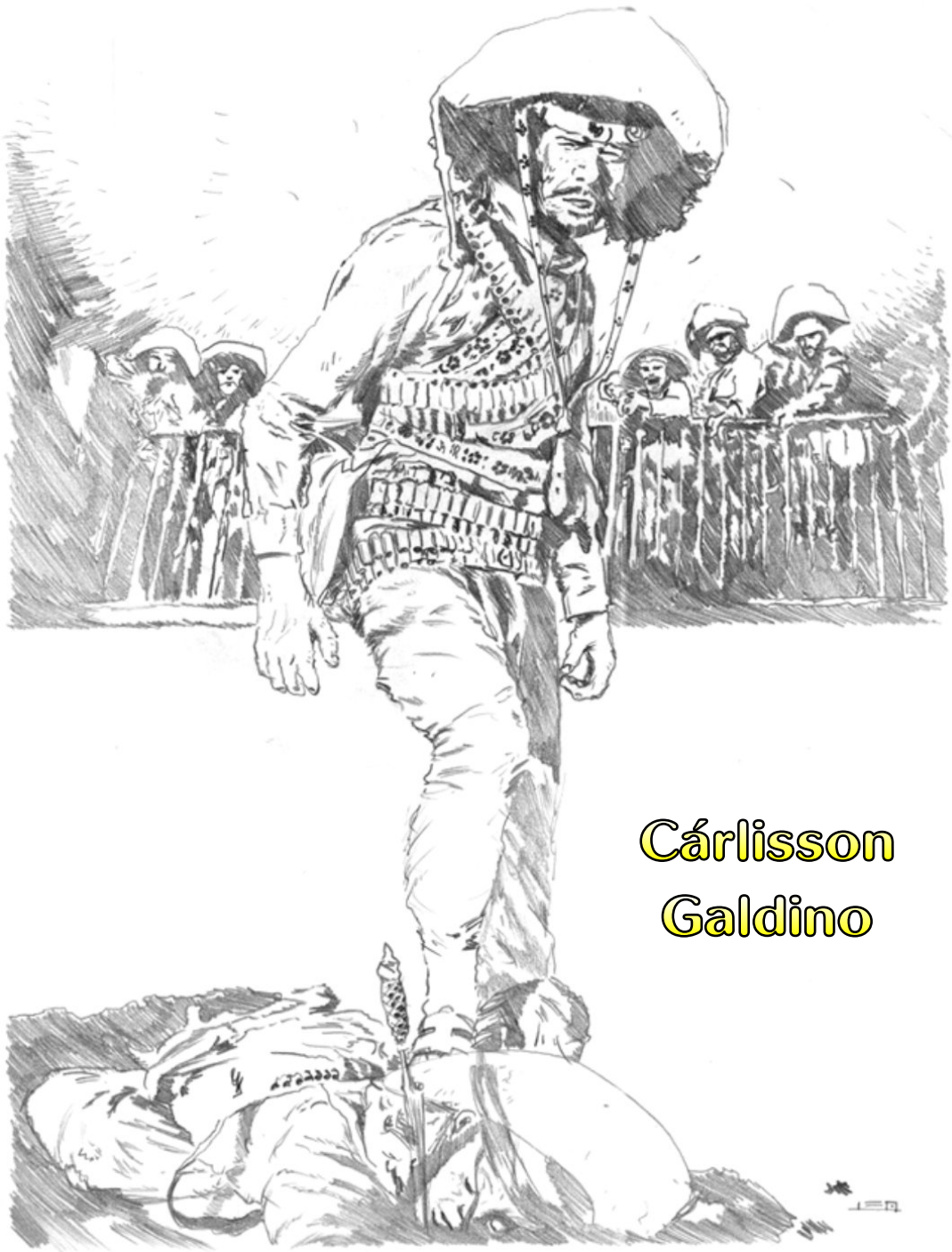
Adquira já a nova versão deste cordel! Uma edição da Soslaio Editora

Ficção Especulativa

CYAN ZINE

#14

Sem Óleo



Cárlisson Galdino

Publicado no Cyanzine em novembro de 2022

CYAN ZINE #14

Cada movimento traz o mesmo som. Seu braço se estende e recolhe com notada impaciência, junto ao ranger das juntas. Juntas metálicas, ou supostamente metálicas.

O mar e seu colorido tênue não surtem efeito sobre seus olhos sem cor. Seu olhar foca apenas o braço. Rochedo, areia, vento, Sol, crianças, pessoas, seu braço.

O som do seu metal se sobrepõe ao barulho das ondas, aos gritos e falarias.

Estende o braço com cuidado e ouve o mesmo ruído metálico, ouvido já tantas vezes, há tanto tempo que seus registradores de memória estouraram a capacidade de armazenar, e ele simplesmente deixou que prosseguisse assim mesmo.

Há algo errado. Ainda não notou ao certo. Há algo errado com seu braço.

Recolhe o braço, vagarosa e atentamente. Seus dedos rústicos com junções à mostra se aproximam do rosto. Rústicos, mas traçados, não foram feitos de qualquer jeito. Abre e fecha a mão. Não há problema com ela, é só o braço.

Estende o braço até que toque mais uma vez sua coxa. Não sem produzir o mesmo ruído. Seu

rosto não traz qualquer expressão. Por não ser capaz, mas também por causa do braço.

Recolhe o braço e o ruído se mostra outra vez, enquanto o braço se aproxima do seu estranho rosto sem nariz e sem boca, mas com olhos. Olhos como lentes de máquinas fotográficas, equidistantes em sua cabeça em formato de barril.

Estende o braço lentamente e ouve o mesmo ruído. Nem assusta mais a gaivota já pousada em seu ombro oposto. Por vezes é um pombo que fica inutilmente bicando sua cabeça blindada.

— Ei, benzinho, o que é isso?

— Ah, é um robô!

— Eu sei que e é um robô, mas ele parece tão estranho…

— É, a gente chama de Tenhen! Ele fica assim o tempo todo.

— O que houve com ele? Fica só assim?

— Sei lá! É uma comédia, né?

— Dá dó dele, tadinho…

— Meu pai.

— Que tem seu pai?

— Lembrei agora. Quando eu era pequeno minha mãe me disse. Meu pai era pequeno e tava passando por aqui quando viu um robô e achou estranho o barulho que fazia. Daí perguntou se não tinha alguma coisa errada com ele.

— Nossa, coitado! E até hoje ninguém fez nada pra ajudar?

— Não, imagina! Ele é só um robô velho!

— Ah, não fala assim dele… Dá pena ver o coitado assim, tão sujo… Deve estar precisando de ajuda…

— Ah, deixa disso, vamos comer uma pizza?

— Vamos! Só se for de calabresa!

FIM

Werewolf By Night E O Terror Da Marvel.

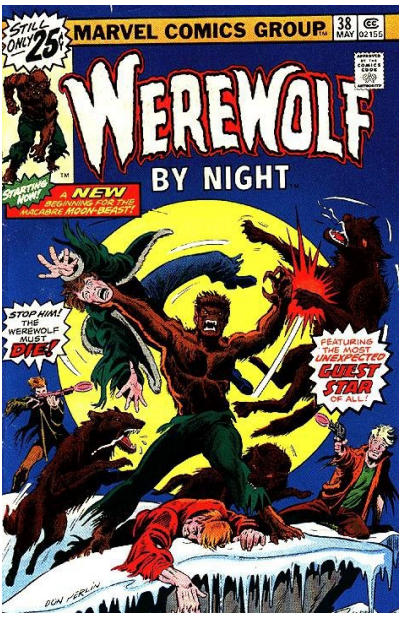
Werewolf by Night estreou na **Disney+** mostrando a história do personagem **Jack Russell** que faz parte da linha de terror da Marvel. O filme conta com os atores **Gael Garcia Bernal**, no papel título, a competente **Laura Donelly**, da série **The Nevers** da **HBO Max**, **Harriet Sansom Harris**, entre outros. A linha de terror da Marvel nas telas começou oficialmente na série **WandaVison**, também da Disney+, quando foi apresentado o **Darkhold**, livro escrito por **Chthon, o Deus Ancião**, que aprendeu os segredos da **Magia do Caos**, e continuou no cinema com os filmes **"Doutor Estranho no Multiverso da Loucura"** e **"Mobius"**. Mas na verdade anteriormente no canal de streaming **Star+** já tinho sido mostrada a série **Helstrom**, que conta a história de **Daimon e Satana Helstrom**, filhos de Satã e personagens da linha terror da Marvel também. Em algumas revistas Daimon chegou a juntar forças com **Doutor Estranho e o Motoqueiro Fantasma**. Se você não sabia corre lá e assiste porque a série é muito boa e dá várias ideias de aventuras.

A linha de terror nos quadrinhos da Marvel surgiu nos anos 70 quando a editora começou a utilizar personagens clássicos de histórias de terror que haviam caído em domínio público em suas revistas em quadrinhos. Assim surgiu a revista **A Tumba de Drácula**, que mostrava o vampiro mais famoso do mundo enfrentando **Rachel Van Helsing**, descendente do professor Van Helsing, e o famoso herói caçador de vampiros, **Blade**. Aliás o novo filme de Blade, com o ator **Mahershala Ali**, e que faz parte dessa linha de terror da Marvel nas telas, já tem data para estrear: Novembro de 2023.

Com o sucesso do título de Drácula outros personagens clássicos de terror acabaram também parando nas revistas em quadrinhos, como **O Monstro de Frankenstein** e **A Múmia** (onde eu li pela primeira vez a respeito deles quando ainda era criança). Não demorou muito para que outro personagem clássico de muito sucesso acabasse tendo suas histórias contadas nas HQs: o lobisomem. E com isso surgiu o título **Werewolf by Night**, no Brasil chamado apenas de *Lobisomem*, que era, junto

com os outros títulos, publicado por aqui pela **Bloch Editora**, a maior editora do país na época. A Bloch inclusive criou um selo próprio só para publicar essas histórias, chamado **Capitão Mistério Apresenta**. Quem quiser saber mais sobre esse selo clique aqui: http://hqmemoria.com/?p=90#.Y0sagXbMK3A.

Werewolf by Night nas HQs



Werewolf by Night foi criado em 1972 pelos lendários **Roy Thomas, Gerry Conway e Mike Ploog**, contando a história de **Jack Russell**, um jovem amaldiçoado pela licantropia herdada de sua família, aparecendo pela primeira vez na revista *Marvel Spotlight #2* para depois ganhar sua própria revista mensal. A revista durou 43 edições de setembro de 1972 até março de 1977. Apesar de grande sucesso após o encerramento do título o personagem caiu no esquecimento pela editora até ser remodelado em 1983 em uma história na revista do **Cavaleiro da Lua**. Depois disso apareceu junto da **Mulher-Aranha, Doutor Estranho** e até ao lado dos **Vingadores da Costa Oeste**,

saindo da linha terror e figurando entre os super-heróis da editora. Entre os anos de 1991 e 1993 apareceu regularmente nas páginas da revista *Marvel Comics Presents* e em 1998 teve seis edições publicadas em uma série escrita por **Paul Jenkins** e desenhada por **Leonardo Manco** que adicionaram novos elementos na mitologia do personagem. Esta série é uma das que mais gosto sobre Jack Russell e onde conhecemos outro lado dele e de sua maldição. Em 2009 o personagem apareceu na série limitada de quatro edições *Dead of Night presents Werewolf by Night*, do selo adulto **MAX**, publicado no Brasil pela Panini. A série foi escrita por **Duane Swierczynski**, com arte de **Mico Suayan**. Finalmente em 2020 um segundo Werewolf by Night surgiu, chamado **Jake Gomez**, criado por **Taboo**, rapper americano integrante do grupo musical **Black Eyed Peas**, e por **Benjamin Jackendoff**, juntamente com o desenhista **Scot Eaton**. Esse personagem foi criado com a intenção de explorar a mitologia dos nativos americanos sobre o mito do lobisomem.

A Origem dos Lobisomens

A origem dos lobisomens na Marvel está ligada a um dos Deuses Anciões, chamado de **Deus Lobo**, que criou uma uma raça de guerreiros que ficaram conhecidos pelo nome de *Lycanthropes* que podiam trocar de forma humana para lobo e os usou para enfrentar outros Deuses Anciões que escravizavam os humanos por volta de 20.000 a.C. Esses guerreiros podiam transformar outros seres humanos também em Lycanthropes através da sua mordida ou arranhando com suas garras.

Quando ocorreu o *Grande Cataclisma*, por volta de 18.000 a.C., a maioria dos Lycanthropes morreu. Os que sobreviveram se espalharam pelo mundo e não se ouviu falar mais sobre eles ou sobre a licantropia, como passou a ser chamada a condição de mudar de forma humana para lobo, até 1795, quando **Grigori Russoff** foi transformado em lobisomem por **Lydia**, uma Lycanthrope que servia a **Drácula**, a quem Grigori havia derrotado depois que Drácula matou sua esposa **Louisa**. Entretanto a

licantropia adquirida por ele não se manifestou em seus descendentes, até que em 1930 um dos descendentes de Grigori, **Gregor Russoff**, leu sobre a maldição da licantropia em algumas páginas do Darkhold em uma noite de lua cheia, se transformando imediatamente em um lobisomem, e ativando a maldição que passaria para seus descendentes.

Quem é Jack Russell

Jack Russell, nascido com o nome de **Jacob**, é filho de **Laura e Gregor Russoff**, descendente do outro Gregor, e portador da maldição da licantropia.

Gregor foi morto por balas de prata quando atacava aldeões na **Transilvânia** transformado em lobisomem, forçando Laura a fugir com seu filho para os EUA e mudar seu sobrenome para Russell. Quando completou 18 anos Jack sofreu sua primeira transformação em uma noite de lua cheia. Desde então sua vida tem se resumido em várias tentativas de encontrar uma cura para sua condição. Ele mora em Nova York e trabalha como engenheiro sanitário.

Devido a maldição do lobisomem Jack no início era totalmente controlado pela lua. Em noites de lua cheia ele se trancava em uma jaula para evitar cometer atrocidades, mas aprendeu a controlar sua transformação e atualmente se transforma quando quer, sendo que quanto mais cheia está a lua no céu noturno, mais lobo Jack se torna.

A série escrita por Paul Jenkins adicionou alguns elementos de horror a condição de Jack, como ele ter uma visão do inferno toda vez que se transforma, fazendo com que ele inicie uma busca desesperada por uma cura, levando a ouvir falar sobre o **Culto da Terceira Lua**, um culto satânico onde seu líder, **Walter Clark**, diz saber como se livrar da maldição da licantropia. Isso leva Jack em uma busca através dos EUA por uma adaga chamada *Lâmina do Lobo*, que seria uma das três partes para sua cura.

Quem é Jake Gomez

O novo Werewolf by Night vem na esteira da modernização de alguns personagens da Marvel como já aconteceu com **Homem-Aranha Miles Morales, Nick Fury, Ms Marvel**, etc, procurando dar vida a personagens de outras etnias.

Os criadores do personagem acreditam que a série será de suma importância para a comunidade indígena, pois respeitam muito as origens históricas do povo nativo americano, já que a mãe de Taboo é de origem nativo americana, acrescentando que a representatividade é essencial para a nova fase da **Marvel**.

Jake Gomez é um menino da tribo **Hopi** que sofre sua primeira transformação de lobisomem aos 13 anos devido a uma maldição em sua família. A transformação de Jake é mais ditada por suas emoções do que pela lua. Ele usa a música para controlar sua transformação e conta com a ajuda de sua avó Rora e sua amiga Molly, que fez a playlist para tentar superar a maldição. Apesar de ser uma série independente, seus criadores dizem que ela terá alguma relação com o cânone da editora.

Werewolf by Night no RPG

Usar os elementos de Werewolf by Night no RPG daria aventuras ou campanhas muito interessantes. Apesar de acreditar que os jogadores pensariam logo em Lobisomem: O Apocalipse ou Lobisomem: Os Destituídos, eu acho que **Savage Worlds** com uso do **Compêndio de Horror** seria melhor para adaptar as histórias dos quadrinhos de Jack Russell. Poderia até ser usado em conjunto com

o **Compêndio de Superpoderes**, porque nos quadrinhos Jack Russell já fez parte de vários grupos de super-heróis, como **Filhos da Meia-Noite**, **Legião dos Monstros** além da **A.R.M.O.R.** e lutou ao lado de outros supers da Marvel.

Na página 11 do Compêndio de Horror encontramos as orientações para a criação de um personagem lobisomem e na página 56 as estatísticas básicas de um lobisomem em sua forma monstruosa que poderiam nos ajudar a criar o personagem:

- **Atributos**: Agilidade d8, Astúcia d6, Espírito d6, Força d12+2, Vigor d10;
- **Perícias**: Escalar d8, Furtividade d10, Intimidar d10, Lutar d12+2, Nadar d10, Perceber d12, Rastrear d10;
- **Movimentação**: 8;
- **Aparar**: 9;
- **Resistência**: 7;
- **Fraqueza (Prata)**: Armas de prata causam dano normal em lobisomens;
- **Garra**: For+8;
- **Infecção**: Qualquer um mordido por um lobisomem que sofra um ferimento deve fazer uma rolagem de vigor. Uma falha significa que o personagem se torna um lobisomem na próxima lula cheia (assumindo que ele sobreviveu ao ataque);

- **Invulnerabilidade**: lobisomens ficam apenas abalados por armas que não sejam de pratas;
- **Medo -2**: lobisomens congelam o sangue de quem os vê.

Para criação de antagonistas para uma aventura como essa podemos utilizar na mesma página 56 o cultista típico, que representaria os cultistas do Culto da Terceira Lua, e o cultista sacerdote, para representar Walter Clark. Eles teriam a posse da **Lâmina Lunar** (página 40 do Compêndio de Horror) que seria um dos três itens que poderiam curar Jack Russel de sua maldição. Fique livre para escolher os outros dois entre os Itens Arcanos que estão listados no livro, mas aconselho que pelo menos um deles seja o **Sangue de Lobisomem**, que encontramos na página 42. Outros inimigos interessantes seriam **Ulysses** e **Elsa Bloodstone**, caçadores de monstros que foram apresentados no filme da Disney+, que seriam representados pelas estatísticas de **Caçador Escolhido Veterano** que encontramos na página 50. Além do lobisomem os outros jogadores poderiam ser um **Mago** e um **Dhampyr** que estão procurando ajudá-lo, ou então com ajuda do Compêndio de Superpoderes crie alguns heróis que estarão ao lado dele nessa busca.

Outro RPG que ficaria muito bom para adaptar Werewolf by Night, principalmente por conta do estilo em preto e branco do filme da Disney+, é **Chamado de Cthulhu**. Na página 334 podemos encontrar as estatísticas de um lobisomem que usaríamos como Jack Russell, e ali mesmo temos as estatísticas de uma **Múmia**, seguida por um **Vampiro** e depois um **Zumbi**. Esses monstros poderiam ser usados como antagonistas de Jack Russell em uma aventura/campanha no estilo dos antigos filmes do estúdio **Hammer Films** na década de 60. Esses antagonistas poderiam estar a serviço de um **Grande Antigo** à escolha do Guardião/Narrador. O Culto da Terceira Lua seria composto por cultistas que servem a este Grande Antigo e são protegidos, ou protegem, esses monstros. Os demais jogadores seriam pessoas normais que são amigos/parentes de Jack tentando ajudá-lo, e correndo riscos ao mesmo tempo.

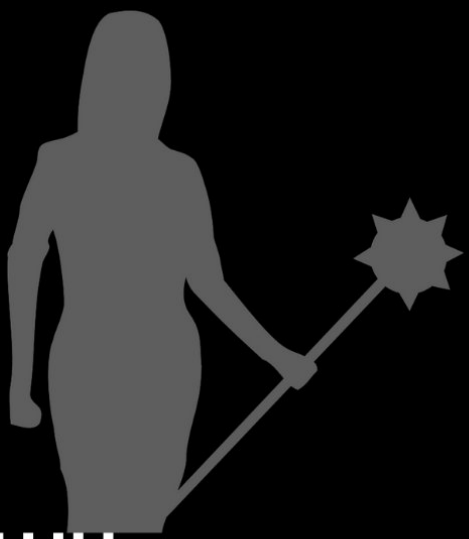
Quem tem a 2ª edição de **Kult** vai encontrar regras para criação de lobisomens a partir da página 75 no capítulo **Beyond Humanity**. O Culto da Terceira Lua cairia bem como um dos vários cultos dedicados aos **Anjos da Morte** como Hareb-Serap, o mais sanguinário entre os generais de Astaroth. Infelizmente a 4ª edição não trouxe essa opção. Neste tipo de cenário a busca por uma cura da sua maldição poderia

Uma arma e uma missão

...e ela precisa de mais?

Jasmim

Porque nem tudo que é belo é frágil



Cárlisson Galdino
.com.br

Novela de aventura e fantasia urbana

http://blog.cordeis.com/index.php/folhetim-jasmim/

levar Jack Russel a querer ir até Metrópolis, ou fazer um pacto com um dos Arcontes. As regras de Sanidade do sistema poderiam ser um fator importante para que Jack não sucumbisse definitivamente a sua condição lupina assassina.

As regras de pontuação são diferentes de uma edição para outra, porque a 2ª edição usa um sistema de regras próprio, mas apenas para ilustrar entre as desvantagens que um lobisomem teríamos:

- *Instinto de Caça*
- *Sensitivo a Prata*
- *Incontrolável Mudança de Forma*
- *Inumana Aparência*
- *Controlado pelos Astros;*

Já entre suas vantagens teríamos:

- *Visão Infravermelha*
- *Armas Naturais (Garras e Presas)*
- *Invulnerabilidade a Armas*
- *Reação Rápida*
- *Regeneração*
- *Sentidos Ampliados*
- *Resistência Infinita.*

Os demais jogadores podem ser Conjuradores, Magos, que sabem bastante coisas sobre a verdade no mundo de Kult e estarão ao lado dele para ajudá-lo.

Mas para mim, sem sombra de dúvidas o melhor sistema para jogar com um lobisomem é **Witchcraft**. Eu inclusive fiz um artigo há varios anos comparando os Garous do Mundo das Trevas com os **Ferals** de Witchcraft que vocês podem ler em https://ovelhinhodorpg.wordpress.com/2013/09/21/garous-ou-ferals-qual-e-seu-favotito/.

Witchcraft tem todo o clima e cenário para uma boa aventura de Werewolf by Night. Aqui a maldição de licantropia poderia ter sido passada para a família de Russell por um Feral enlouquecido que servia a um vampiro na Romênia. Ele agora irá atrás de uma cura e precisará da ajuda das famílias de ferals para isso, que podem ser interpretados pelos outros jogadores. Poderia até ser adicionados Mercadores da Morte (https://ovelhinhodorpg.wordpress.com/2020/07/14/os-mercadores-da-morte-no-seu-rpg-preferido/) que estão atrás de Jack para dar um tom de desafio a aventura.

Sobre o Filme da Disney+

O filme me agradou em parte me dando a entender que a Marvel vai realmente trazer todos os seus personagens da linha de terror para a telas, mas assim como as mais recentes produções da Marvel não achei que acertou o tom. É um bom filme, curto por sinal, para

assistir em família e está longe de ser algo de terror ou de colocar medo. O ator que interpreta Jack Russell não me animou muito, mas Laura Donelly, interpretando Elsa Bloodstone, rouba as cenas, como era de se esperar. O Homem Coisa ficou perfeito, mas se torna o alívio cômico do filme, o que pra mim reduz muito o personagem. De qualquer forma vale a pena assistir.

Me sigam nas redes sociais:

Facebook:
https://www.facebook.com/velhinhodorpg

Instagram:
https://www.instagram.com/velhinhodorpg

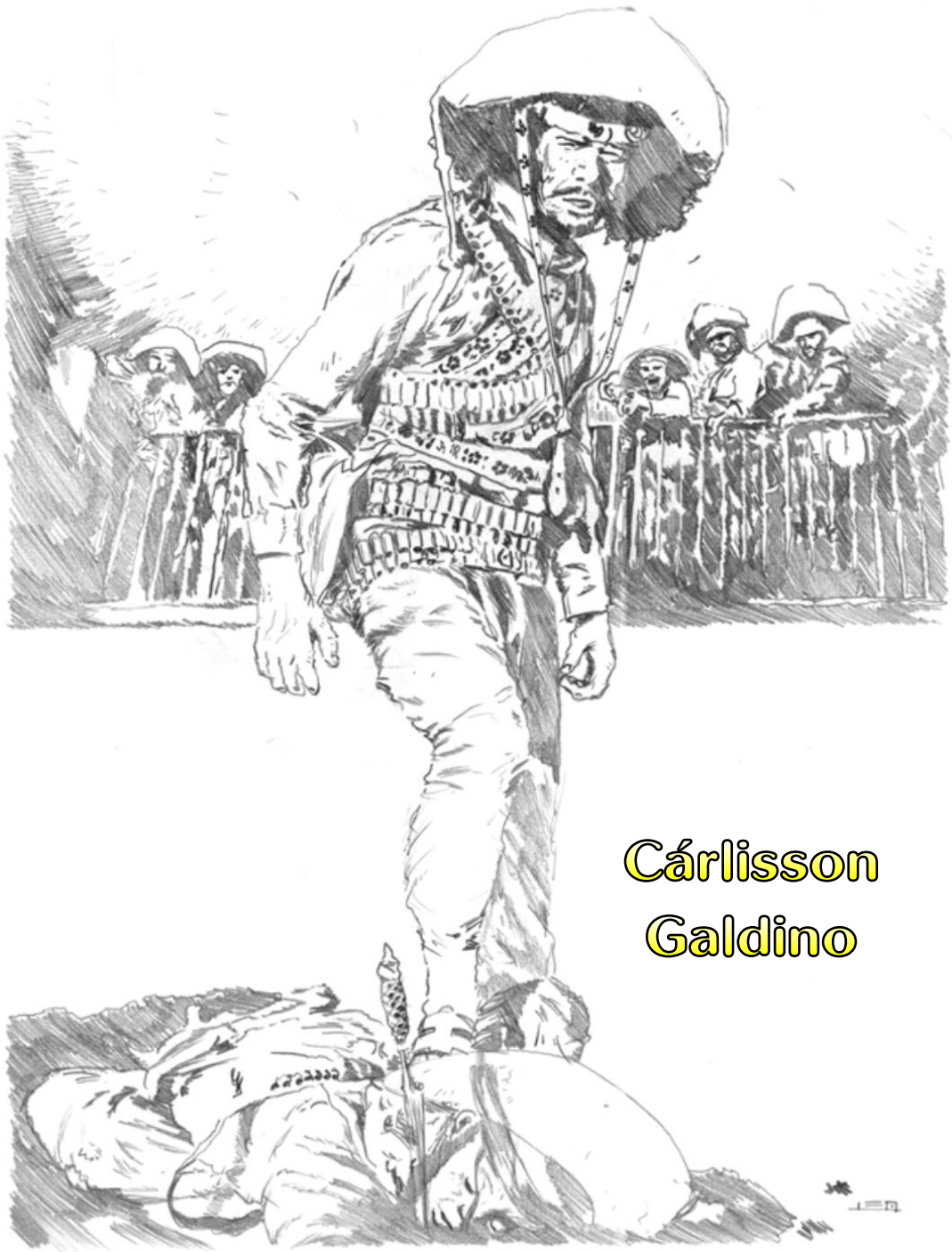
André Cruz
https://ovelhinhodorpg.wordpress.com/

Role Playing Games

CYAN ZINE

#14

Cadê a Pizza?



Cárlisson Galdino

Publicado no Cyanzine em novembro de 2022

CYAN ZINE #14

Cadê a Pizza?

Cárlisson Galdino

Esta é uma aventura infantil que foi escrita e mestrada durante um evento de RPG ocorrido em Arapiraca no Clube do Professor. Como um RPG infantil, é recomendado que seja mestrado por alguém que já entenda um pouco de RPG, para jogadores crianças.

Sistema e Cenário

A aventura foi feita para XR-III – Modo Micro, que pode ser encontrado em http://wiki.cordeis.com/xr3/start ou na edição 9 do Cyanzine.

O cenário onde a história se passa se chama Animalia, que apresenta uma paródia da Terra onde todas as pessoas têm características de algum animal. Todos os personagens de jogador oferecidos são catinus, uma espécie que tem orelhas e rabo de gato.

Todos eles vivem na Mansão Novelo, um lar de jovens catinus que é mantido por uma guia chamada Nix, que tem forma de um gato comum falante. A Nix foi apresentada no kit O Livro de Nix. Cadê a Pizza? pode ser usado como uma aventura adicional posterior ao Livro de Nix, inclusive pode reusar os personagens ali

apresentados, mas também pode ser apresentada de forma totalmente independente.

Elenco

Os personagens de jogador propostos são 6 pré-adolescentes afilhados de Nix, com equidade de gênero: 3 masculinos e 3 femininos. Quatro deles recebem um dom especial de Nix. Uma habilidade (manobra) que consome pontos de fadiga e é acionada ronronando (domínio Ronronar).

- Camões: manobra Fantasma;
- Celeste: manobra Planar;
- Mill: manobra Telecinese;
- Patty: manobra Encantar;
- Sol e Sushi não têm manobra desse tipo.

Por serem afilhados de Nix, eles têm responsabilidades maiores que os outros catinus que moram na Mansão Novelo. No final, você terá as fichas completas deles, podendo enviar uma captura de tela de uma ficha para cada jogador, caso queira jogar assim.

Os dados sobre os personagens do mestre não devem ser conhecidos pelos jogadores e serão apresentados em seguida.

- **Bingo**: professor Ekinissus (povo-cavalo), de arquétipo calmo. Atributos: F5 M3 E5;

- **Gergelim**: caninus (povo-cachorro) do arquétipo fujão. Tem o dom do superolhar: consegue perceber ilusões, invisibilidade e disfarces, não sendo enganado. Atributos: F1 M5 E4.
- **Hermione**: catinus do arquétipo preguiçosa. Entregadora da Pizzaria Silvestre. Atributos: F1 M4 E5.
- **Hulk**: caninus do arquétipo vaidoso. Um valentão. Atributos: F5 M3 E1.
- **Lola**: doninus (povo-doninha) do arquétipo tagarela. É a dona da Pizzaria Silvestre. Atributos: F5 M1 E5.
- **Nutela**: caninus do arquétipo prestativa.Tem o dom da Interferência: sempre que alguém usa um dom perto dela, ela entra na brincadeira com metade da eficiência do dom do outro (entra em elo telepático, pega carona em visão remota...). Só funciona para dons ativáveis. Atributos: F2 M3 E4.

O curinga: Wel é um personagem-curinga. Como a aventura vai ser mestrada para crianças e envolve situação de risco para os protagonistas, decisões erradas podem levar a situações muito ruins. Caso a história caminhe para isso e o mestre ache conveniente, Wel pode aparecer por acaso e ajudar a resolver a situação.

- **Wel**: ursinus (povo-urso) do arquétipo Tagarela. É um bruxo e anda por aí na forma de urso, como patrulheiro fazendo boas ações. É padrinho de uma ursinus chamada Mel. Sua aparição pode ter a ver com uma procura por sua sobrinha. Atributos: F3 M5 E1.

Figurantes: eventualmente pode ser necessário acrescentar mais algum personagem na história. Segue uma tabela de figurantes que podem encaixar em algum papel desses, de emergência. Você pode, claro, criar seus próprios personagens. Não só para figurantes, mas para toda a história. Esta tabela é só uma conveniência que se pretende que seja útil.

Nome	Espécie	Arquétipo	F	M	E	Domínio
Sky	Doninus	Fujona	5	5	4	Artista
Ozzy	Doninus	Briguento	2	1	2	Jogador
Clark	Kamessis	Vaidoso	2	1	2	Roubo
Bibi	Kamessis	Pensadora	2	5	1	Comércio
Zeca	Caninus	Tímido	4	1	2	Medicina
Odin	Kamessis	Tagarela	2	2	2	Comércio
Kira	Boressis	Briguenta	4	2	5	Força
Bob	Brakarkus	Tímido	1	2	2	Elástico
Mel	Ursinus	Sonhadora	4	2	4	Afilhada
Fajuto	Catinus	Tagarela	1	2	1	Montaria
Fred	Baraelus	Calmo	5	2	1	Atirador
Luna	Doninus	Vaidosas	2	1	3	Veterinária

Aula na Mansão

Professor Bingo tem orelhas de cavalo e dá aula de uma matéria chamada Dinheiro, que inclui Matemática, cálculo de troco, onde o dinheiro é importante e onde não é. Nas escolas de Animalia, as matérias têm conteúdo e nome bem diferentes.

A moeda desse mundo é o Biscoito, uma moeda parecida com a nossa, mas furada no meio, como uma rosquinha. As notas de papel também existem, mas não são furadas.

Mestre interpretando o professor dando aula e interagindo com os personagens. Fale um pouquinho sobre essas curiosidades relacionadas ao dinheiro desse mundo. Entre no valor médio de coisas que crianças compram. Pizzas, por exemplo, que custam 30 biscoitos.

O professor Bingo pode perguntar aos alunos que preço acha que algumas coisas, como um chiclete, uma coxinha ou uma bola de futebol têm.

Os colegas do grupo estarão empolgados com a noite da pizza, que acontece esta noite.

Hora da Pizza

Na sala de jantar da Mansão Novelo, o grupo está conversando e animado sobre as pizzas, que ainda não chegaram.

Nix chamará o grupo de personagens de jogador para a cozinha e lá falará que a entregadora Hermione está sumida.

> *"Chamei vocês aqui porque temos um problema. As pizzas que pedimos na Pizzaria Silvestre ainda não chegaram. Liguei para lá e a Lola disse que Hermione saiu há quase uma hora e que não ia fazer outra entrega, só a nossa. Ela foi liberada pra comer com a gente também. Como vocês sabem, a Hermione morou aqui quando era pequena. Preciso que vocês descubram o que aconteceu com a Hermione."*

O Mistério

O grupo decide como vai fazer a investigação.

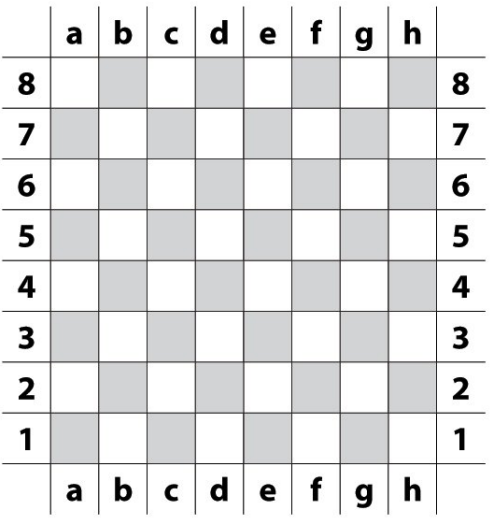
- **Pizzaria Silvestre**: Lola falará com muito carinho pela Hermione, que ela saiu. Dirá o caminho que ela segue normalmente, que é passando pelo bosque.

- **Canil Osso Duro**: ninguém sabe o que houve.
- **Bosque**: em certo lugar do bosque, o grupo pode encontrar caixas de pizza no chão levando até um galpão esquisito.

Se não acharem o bosque, alguém informará ao grupo sobre o galpão. Pode ser a Nix através de um telefonema, a Lola, alguém que estava fazendo exercício no bosque ou algum trabalhador que passou de bicicleta por lá.

O Galpão

Para facilitar a visualização, você pode utilizar um tabuleiro de xadrez para a cena de confronto. Se tiver como conseguir, coloque peças coloridas para os personagens dos jogadores e peças de outros tipos para os vilões.



Escolha um lugar onde Hermione está presa numa jaula. Os três caninus estão espalhados no chão, cansados de comer pizza.

O grupo tem que salvar a Hermione. As pizzas que sobraram serão um bônus.

O carrinho elétrico de entregar pizzas está ali com o restante das pizzas, mas a chave está com a Hermione.

O grupo pode partir para diálogo, tentar ir sem silêncio... Deixe que criem uma solução pra situação. Os caninus podem incorporar aquele tipo de vilão boboca para confrontar jogadores inexperientes. A chave da jaula está com Hulk.

Soluções criativas, se fizerem um pouco de sentido, devem ser estimuladas.

Festa na Mansão

Dona Lola mandará mais 20 pizzas para a festa, quando Hermione chegar com o grupo. Alguns colegas podem ficar curiosos e quererem ouvir a história de como eles resgataram a entregadora. Interprete a reação deles à história de maneira natural. Incredulidade, empolgação, vale qualquer coisa. Nessa festa termina a nossa aventura.

HULK

GERGELIM

NUTELA

LOLA

HERMIONE

Camões (Catinus Menino)

Arquétipo: Tímido

Atributos

Físico	Mente	Espírito
2	2	3

Detalhes

1. Adora tomar leite
2. Medo de adoecer
3. Não gosta de Multidões
4. "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura"

Domínios

Atributo	Nome do Domínio	Nível
Físico	Condutor	1
Mente	Jogos	1
Espírito	Ronronar	1

Manobras

Domínio	Manobra
Ronronar	**Fantasma**: cria uma ilusão de outro personagem qualquer, como se estivesse presente no lugar.

Energia

Vitalidade Física	Fadiga Física	Fadiga Mental	Fadiga Espiritual
6	8	8	12

Celeste (Catinus Menina)

Arquétipo: Empolgada

Atributos

Físico	Mente	Espírito
3	3	1

Detalhes

1. Gosta de contar Histórias
2. Gosta de colares e Correias
3. Atenciosa com os Amigos
4. Joga handebol

Domínios

Atributo	Nome do Domínio	Nível
Físico	Esporte	2
Espírito	Ronronar	1

Manobras

Domínio	Manobra
Ronronar	**Planar:** o personagem se joga ao acionar o dom. Se ativar, voará 3 vezes mais rápido do que quando corre, mas a 1m do chão. Se falhar, cai no chão

Energia

Vitalidade Física	Fadiga Física	Fadiga Mental	Fadiga Espiritual
9	12	12	4

Sushi (Catinus Menino)

Arquétipo: Empolgado

Atributos

Físico 2	Mente 2	Espírito 3

Detalhes

1. Gosta de cantar
2. Gosta de abraçar
3. Fala partes de música como se fossem poesia
4. Gosta de vestir cores chamativas

Domínios

Atributo	Nome do Domínio	Nível
Mente	Comércio	1
Físico	Briga	1
Espírito	Artista	1

Manobras: não possui

Energia

Vitalidade Física	Fadiga Física	Fadiga Mental	Fadiga Espiritual
6	8	8	12

Sol (Catinus Menina)

Arquétipo: Pensadora

Atributos

Físico 3	Mente 2	Espírito 2

Detalhes

1. Adora séries e livros de investigação
2. Anda sempre com um bloquinho de notas
3. Cabelo em 3 cores
4. Pouca paciência para falatório

Domínios

Atributo	Nome do Domínio	Nível
Mente	Detetive	2
Espírito	Ronronar	1

Manobras: sem manobras

Energia

Vitalidade Física	Fadiga Física	Fadiga Mental	Fadiga Espiritual
9	12	8	8

Mill (Catinus Menino)

Arquétipo: Pensador

Atributos

Físico	Mente	Espírito
2	3	2

Detalhes

1. Sempre chamado para soltar pipa ou tirar bola de cima da casa
2. Pelo alaranjado
3. Prefere ficar calado, observando.

Domínios

Atributo	Nome do Domínio	Nível
Espírito	Ronronar	3

Manobras

Domínio	Manobra
Ronronar	**Telecinese**: o personagem pode mover um objeto de até 5kg à distância

Energia

Vitalidade Física	Fadiga Física	Fadiga Mental	Fadiga Espiritual
6	8	12	8

Patty (Catinus Menina)

Arquétipo: Prestativa

Atributos

Físico	Mente	Espírito
1	4	2

Detalhes

1. Adora ser lembrada, mesmo que só pra pedirem favor.
2. Pelagem branca.
3. "E aí… Alguém quer ajuda?
4. Gosta de música
5. Boa no handebol

Domínios

Atributo	Nome do Domínio	Nível
Físico	Esporte	1
Espírito	Ronronar	1
Mente	Atiradora	1

Manobras

Domínio	Manobra
Ronronar	**Encantar**: personagens que a veem fazem teste de Mente ou ficam fascinados.

Energia

Vitalidade Física	Fadiga Física	Fadiga Mental	Fadiga Espiritual
3	4	16	8

XR-III - RPG DIFERENTE

XR-III é um sistema de RPG multimodo. São formas diferentes de se viver as mesmas aventuras.

XR Zine é a publicação principal de divulgação do XR-III. Modos (conjuntos de regras), microcenários e aditivos. Tudo prático e em diagramação de livreto A6!

HTTP://WIKI.CORDEIS.COM/XR3/START

Artigos

A princípio haverá limitação para a criação do CyanZine. Todos podem participar, mas fica a critério do editor escolher o que entra e o que fica fora de cada edição. Os gêneros de preferência são os relacionados aos 3 temas centrais da publicação: Literatura de Cordel, RPG e Ficção Especulativa (fantasia, ficção científica, terror, etc).

- **12 textos**: a princípio esta será a quantidade máxima de textos, entre cordéis, artigos, contos e etc. Eventualmente esse limite pode ser ajustado para mais ou para menos.
- **4 mil palavras**: cada texto deverá ter no máximo este tamanho. Isso porque pretendo fazer revisão de todo o conteúdo e textos muito longos podem dificultar ou, em certo grau, até mesmo inviabilizar a publicação.

É possível que sejam criadas novas sessões e colunas a depender de comprometimento de colaboradores ou entidades parceiras. Dependendo do grau de parceria, a edição de uma sessão inteira pode sair de minha responsabilidade (ficando a de diagramar), aumentando a quantidade de conteúdo a publicar.

Para participar, é preciso mandar um e-mail para cordeis@yandex.com com o seguinte:

- **Assunto**: "Cyanzine" e a sessão pretendida. Isso é opcional, para o caso de você já ter uma sessão em mente.
- **Anexo**: O texto deverá ser enviado como anexo em formato ODT ou DOCX.
- **Conteúdo**: Eu afirmo a autoria e autorizo a publicação do texto <TÍTULO> na revista digital gratuita CyanZine sob licença Creative Commons – Atribuição – Uso Não Comercial – Compartilha Igual. Declaro também ser detentor dos direitos necessários para tal. É preciso ter este texto (ou equivalente) no conteúdo da mensagem.
- **Anexos adicionais**: arquivo ODT ou DOCX com minibiografia e arquivo com foto. Opcional.

O último dia para envio de material será o dia 15 do mês anterior da publicação. O que não for aceito/aproveitado em uma edição pode vir a ser publicado em edições posteriores. Não há necessidade de o texto ser inédito. Não há qualquer remuneração prevista para o autor.

CYAN ZINE #14